



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

REALIZAÇÕES MORFOSSINTÁTICAS DO *PERFECT* ASSOCIADO AO
PASSADO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

AMANDA ALEVATO DE SANT'ANNA

Rio de Janeiro

2021

AMANDA ALEVATO DE SANT'ANNA

REALIZAÇÕES MORFOSSINTÁTICAS DO *PERFECT* ASSOCIADO AO
PASSADO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciada em Letras na habilitação
Português/Latim.

Orientadora: Prof. Dra. Adriana Leitão Martins
Coorientador: Prof. Ms. Jean Carlos da Silva Gomes

Rio de Janeiro

2021

FOLHA DE AVALIAÇÃO

AMANDA ALEVATO DE SANT'ANNA

DRE: 116028538

REALIZAÇÕES MORFOSSINTÁTICAS DO *PERFECT* ASSOCIADO AO PASSADO NO PORTUGUÊS DO BRASIL


Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português/Latim.

Data da avaliação: 16/11/2021

Banca examinadora:

 _____ NOTA: 10 (dez)

Profa. Dra. Adriana Leitão Martins - Presidente da banca examinadora
Faculdade de Letras – UFRJ

 _____ NOTA: 10 (dez)

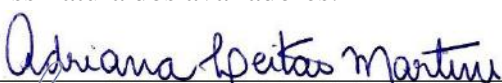
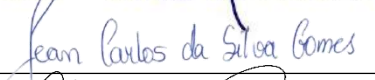
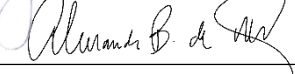
Prof. Ms. Jean Carlos da Silva Gomes
Faculdade de Letras e Artes – UERN

 _____ NOTA: 10 (dez)

Prof. Dr. Alessandro Boechat de Medeiros
Faculdade de Letras – UFRJ

MÉDIA: 10 (dez)

Assinatura dos avaliadores:

 _____
 _____
 _____

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

SS232r Sant'Anna, Amanda Alevato de
Realizações morfossintáticas do perfect associado
ao passado no português do Brasil / Amanda Alevato
de Sant'Anna. -- Rio de Janeiro, 2021.
103 f.

Orientadora: Adriana Leitão Martins.
Coorientador: Jean Carlos da Silva Gomes.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português - Latim,
2021.

1. Aspecto . 2. Perfect . 3. Tempo passado. 4.
Realizações morfossintáticas. 5. Advérbios. I.
Martins, Adriana Leitão, orient. II. Gomes, Jean
Carlos da Silva, coorient. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Meu primeiro agradecimento não poderia ser diferente: Senhor Jesus, obrigada por me mostrar mais de Você através da ciência. Esta pesquisa me permitiu conhecer mais da encantadora criação do Deus infinito e vivo a quem eu tenho a honra de chamar de Pai. Sem o Seu sustento, eu não seria nada e não chegaria a lugar algum. Por isso, esta monografia é Sua, Jesus.

Em segundo, lugar, agradeço aos pilares da minha vida: papai, obrigada por me ensinar a ser mais forte com a força que você carrega dentro de si e pelo incentivo incansável de nos dar o melhor possível em todas as ocasiões; mamãe, obrigada pelas sábias palavras que você usa para me ajudar sempre que preciso e pelo colo delicado e altruísta que você ama nos dar; Andressa, minha melhor amiga, obrigada pelo seu amor e pela sua proteção. Me sinto honrada em ser sua irmã mais velha. Você me ensina mais sobre a vida todos os dias e nem sabe disso! Zack e Noah, meus anjos da guarda, obrigada por me mostrarem mais do amor de Deus através de vocês. Por causa da resiliência e da força do Zack e da delicadeza e da amorosidade da Noah, eu sou uma pessoa melhor e agradeço a Deus por me dar a felicidade de ter feito parte da vida de vocês.

Também agradeço à toda minha família, que, muito unida, sempre me ensinou sobre amor. Em especial, às minhas avós Vitória e Madalena, tão guerreiras e tão delicadas ao mesmo tempo, o meu muito obrigada por serem exatamente como são; aos meus tios Flávio, Kiko, Cláudia e Márcia; aos meus primos-irmãos Karina, Mírian e Felipe; e aos meus avós Hércules, que me mostra diferentes tipos de amor, e Manoel, que, embora eu não tenha conhecido pessoalmente, suas histórias moldaram a ideia de carinho que eu tenho.

Agradeço também aos amigos que a vida me deu e que eu tanto amo e considero: aos meus amigos do Pio XII, que continuam comigo sendo símbolos de amizades leves, engraçadas e parceiras desde o Ensino Médio, em especial ao Otavio e à Clarissa; aos meus lindos amigos que a UFRJ me deu: Gabi, Millena, Bianca, Kalicia e Abraão – a faculdade sem vocês não seria a mesma; à minha Ditadura do *Perfect* (Bruno, Larissa e Gabi), que compartilham comigo, com muitas risadas, a vida acadêmica e o estudo do *perfect*; a todos do Biologia da Linguagem, que me mostram que o mundo acadêmico pode ser um lugar de carinho e cuidado mútuos; às minhas lindas amigas do ballet, que há tantos anos dividem comigo uma arte tão linda e que tanto amamos; e às minhas amigas da igreja, em especial à Marcelle, uma líder tão cuidadosa e parceira.

Agradeço à Adriana Leitão, a melhor orientadora que eu poderia escolher. Tão

amorosa, profissional, inteligente e iluminada, você é um verdadeiro exemplo de mãe acadêmica que eu quero ser um dia! E agradeço ao meu coorientador Jean Gomes: obrigada pela dedicação tão intensa e cuidadosa e por me ajudar a crescer academicamente a partir da sua orientação incansável aos meus trabalhos!

Por fim, agradeço ao CNPq pela bolsa que me permitiu dar prosseguimento a este estudo com tanto afinho.

RESUMO

SANT'ANNA, A. A. **Realizações morfosintáticas do *perfect* associado ao passado no português do Brasil**. 2021. 103f. Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras na habilitação português/latim) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

O objetivo deste trabalho é o de investigar as realizações linguísticas do aspecto *perfect* associado ao passado no português do Brasil (PB). Para tanto, formularam-se as seguintes hipóteses: (i) o *perfect* universal (PU) associado ao tempo passado no PB é realizado morfologicamente apenas por meio do verbo principal conjugado no pretérito imperfeito; (ii) o *perfect* resultativo (PRes) associado ao passado no PB é realizado morfologicamente apenas pelo pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “ter”; e (iii) o *perfect* experiencial (PEx) associado ao passado no PB é realizado morfologicamente apenas pelo pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “ter”. Para a investigação, foram analisadas cinco horas de fala espontânea de um *corpus* em desenvolvimento e foram desenvolvidos e aplicados dois testes linguísticos. Considerando-se os dados obtidos na fala espontânea e nos testes linguísticos, na realização de PU, as morfologias identificadas foram pretérito imperfeito e “estar” no pretérito imperfeito + gerúndio, enquanto, na realização de PRes, as morfologias de pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliares “ter” e “haver”), pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito simples e “acabar” no pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “ter” + preposição “de” + infinitivo, e, na realização de PEx, as morfologias de pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliares “ter” e “haver”), pretérito perfeito e pretérito mais-que-perfeito simples. Discutiu-se que os dados deste trabalho, por apontarem diferentes realizações morfosintáticas entre os três tipos de *perfect*, fornecem evidências para a proposta de Rodrigues e Martins (2019) de existência de três sintagmas de *perfect* na representação sintática da sentença: um para o PU, um para o PRes e um para o PEx.

PALAVRAS-CHAVE: aspecto; *perfect*; passado; realizações morfosintáticas; português do Brasil.

ABSTRACT

SANT'ANNA, A. A. **Morphosyntactic realizations of perfect associated to the past in Brazilian Portuguese.** 2021. 103 f. Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras na habilitação português/latim) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

This work aims to investigate the linguistic realizations of the perfect aspect associated to the past in Brazilian Portuguese (BP). For this purpose, the following hypotheses were formulated: (i) the universal perfect (UP) associated to the past tense in BP is morphologically realized only through the main verb conjugated in the imperfective past tense; (ii) the resultative perfect (ResP) associated to the past tense in BP is morphologically realized only through the compound past perfect with the auxiliary verb "ter" ('have'); and (iii) the experiential perfect (ExP) associated to the past tense in BP is morphologically realized only through the compound past perfect with the auxiliary verb "ter" ('have'). In order to investigate that, we analyzed five hours of spontaneous speech data of a developing corpus and developed and applied two linguistic tests. Considering the data obtained through the spontaneous speech data and through the linguistic tests, in the UP expression, the identified morphologies were imperfective past tense and the auxiliary verb "estar" ('to be') in the past + gerund, while, in the ResP expression, the morphologies were compound past perfect (with the auxiliary verbs "ter" ('to have') and "haver" ('there to be')), simple past, perfective simple past and "acabar" ('to finish') in the compound past perfect with the auxiliary verb "ter" ('to have') + "de" ('of') + infinitive, and, in the ExP expression, the morphologies were compound past perfect with the auxiliary verbs "ter" ('to have') and "haver" ('there to be'), simple past and perfective simple past. Based on the different morphosyntactic realizations of the three types of perfect, we discussed that the data of this work provide evidence to Rodrigues and Martins (2019)'s proposal of existence of three perfect phrases in the syntactic representation of the sentence: one for UP, one for ResP and one for ExP.

KEY-WORDS: aspect; perfect; past; morphosyntactic realizations; Brazilian Portuguese.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O ASPECTO <i>PERFECT</i>	13
1.1 PROPOSTAS DE CLASSIFICAÇÃO DO ASPECTO <i>PERFECT</i>	15
1.2 RELAÇÃO ENTRE ASPECTO <i>PERFECT</i> E TIPOS DE VERBO	20
1.3 REPRESENTAÇÃO SINTÁTICA DO ASPECTO <i>PERFECT</i>	23
2 REALIZAÇÃO LINGÜÍSTICA DE <i>PERFECT</i>	29
2.1 REALIZAÇÕES MORFOLÓGICAS DO <i>PERFECT</i> ASSOCIADO AO PRESENTE NO INGLÊS	29
2.2 REALIZAÇÕES MORFOLÓGICAS DO <i>PERFECT</i> ASSOCIADO AO PRESENTE NO PORTUGUÊS.....	32
2.3 REALIZAÇÕES MORFOLÓGICAS DO <i>PERFECT</i> ASSOCIADO AO PASSADO NO INGLÊS E NO PORTUGUÊS	36
2.4 ADVÉRBIOS E EXPRESSÕES ADVERBIAIS ASSOCIADOS AO <i>PERFECT</i> NO INGLÊS E NO PORTUGUÊS	40
3 METODOLOGIA.....	43
3.1 PARTICIPANTES.....	43
3.2 ANÁLISE DE FALA ESPONTÂNEA	43
3.3 TESTES	44
3.3.1 Teste de preenchimento de lacunas.....	44
3.3.2 Teste de seleção de resposta por múltipla escolha	46
3.3.3 Procedimentos	52
4 RESULTADOS	54
4.1 RESULTADOS DA ANÁLISE DE FALA ESPONTÂNEA	54
4.2 RESULTADOS DO TESTE DE PREENCHIMENTO DE LACUNAS	59
4.3 RESULTADOS DO TESTE DE SELEÇÃO DE RESPOSTA POR MÚLTIPLA ESCOLHA.....	69
4.4 RESUMO DAS MORFOLOGIAS VEICULADORAS DE PU, PRES E PEX.....	75
5 DISCUSSÃO	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS.....	89

APÊNDICE A	94
APÊNDICE B.....	97
APÊNDICE C	101
APÊNDICE D	102

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, adotam-se os pressupostos da teoria gerativa. Nessa teoria, ganham destaque os estudos da linguagem que buscam descrever e explicar a maneira como o conhecimento linguístico está organizado na mente, é posto em uso, é adquirido e é implementado pelas bases físicas no cérebro (CHOMSKY; KEYSER, 1988).

Entende-se, nessa teoria, que a linguagem é inata, ou seja, somente os seres humanos possuem propensões biológicas especializadas para o desenvolvimento e o funcionamento da linguagem. A união desse aparato genético com a exposição a dados linguísticos dentro do período crítico de aquisição de linguagem possibilita que qualquer sujeito considerado saudável seja capaz de adquirir uma L1 (LENNEBERG, 1967; CHOMSKY; KEYSER, 1988).

Esse aparato genético exclusivo dos seres humanos e responsável pela capacidade de adquirir qualquer língua natural é chamado de Gramática Universal (GU), faculdade mental da linguagem – comum a todos seres humanos ao nascerem – em que estão contidos os princípios e parâmetros. Os princípios são universais linguísticos invariáveis, ou seja, leis sintáticas que subsidiam o conhecimento linguístico de todas as línguas naturais, enquanto os parâmetros são universais sintáticos variáveis, ou seja, princípios que definem diversas propriedades específicas de uma gramática. Dessa forma, as diferenças entre as línguas podem ser explicadas a partir da configuração de parâmetros e traços disponibilizados pela GU.

Além disso, a linguística chomskyana também defende o pressuposto de modularidade da mente, hipótese segundo a qual a mente é organizada em módulos que possuem princípios específicos e autônomos que os subjazem (FODOR, 1983). Tais módulos ou faculdades mentais interagem entre si, como ocorre entre o módulo da linguagem e o módulo dos conceitos, por exemplo. Nessa perspectiva, entende-se a linguagem como dissociada das demais cognições, o que a constitui como um módulo mental autônomo, conhecido como Faculdade da Linguagem.

Na GU, estão contidos conhecimentos linguísticos de diversas naturezas. Mais especificamente, no que diz respeito à sintaxe, de acordo com a teoria da uniformidade (SIGURÐSSON, 2004), entende-se que o inventário de categorias funcionais disponibilizado pela GU é universal, embora tais categorias diferenciem-se entre as línguas quanto às suas realizações morfossintáticas. Neste trabalho, o foco recai sobre uma dessas categorias: a de aspecto.

Aspecto, de acordo com Comrie (1976), diz respeito às diferentes maneiras de se visualizar a constituição temporal interna de uma situação. O aspecto investigado neste estudo é o *perfect*, aspecto gramatical que pode ser definido, segundo Pancheva (2003), como um intervalo de tempo, conhecido como *perfect time span* (PTS), ou intervalo de tempo de *perfect*, que relaciona o momento do evento ao momento de referência.

O aspecto *perfect* pode ser dividido, como assumem Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003), em universal (PU) e existencial (PE). O primeiro refere-se a um evento que se iniciou em um ponto no tempo e que continua até outro, enquanto o segundo refere-se a um evento que começou e terminou em um ponto na linha temporal, mas que possui efeitos relevantes em um ponto posterior. Pancheva (2003), por outro lado, assume a proposta de divisão do *perfect* em três tipos, em universal (PU), resultativo (PRes) e experiencial (PEx), sendo estes dois últimos uma subdivisão do tipo PE. Enquanto o PRes refere-se a um evento que foi finalizado em um ponto no tempo e que possui resultados em um ponto posterior, o PEx refere-se a um evento que terminou em um ponto na linha temporal e que reflete alguma experiência em outro ponto posterior.

Grande parte dos estudos realizados sobre o *perfect* no português do Brasil visa avaliar sua combinação com o tempo presente (no, 2007; NOVAES; NESPOLI, 2014; JESUS *et al.*, 2017; NESPOLI, 2018; GOMES; SEMÊDO, 2019; SANT’ANNA, MARTINS; GOMES, 2019). Recentemente, foram realizados alguns estudos em que se investigava a associação desse aspecto no português do Brasil com o tempo futuro, como em Pessoa *et al.* (no prelo), e com o tempo passado, como em Sant’Anna (2019).

Quanto às realizações morfossintáticas do aspecto *perfect* associado ao passado no português do Brasil (PB), Sant’Anna (2019) realizou um estudo piloto sobre as morfologias que veiculam PU e PE a partir de dados de fala espontânea. Nesse trabalho, a autora investigou as realizações do *perfect* associadas aos advérbios “ainda”, para PU, e “já”, para PE. Embora os dados tenham sido escassos, seus resultados evidenciaram que o PU pode ser realizado por meio do pretérito imperfeito, como em “Ela não sabia se aquele ônibus ainda **ia** pro Tijuca Off Shopping”, enquanto o PE pode ser realizado por meio do pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “ter”, como em “Eu já **tinha marcado** com eles”.

Levando em consideração que a análise das realizações linguísticas de uma determinada categoria funcional pode mostrar evidências para o estudo de sua representação sintática (POLLOCK, 1989; CINQUE, 1999; 2013), o objetivo geral desta pesquisa é investigar a representação sintática do aspecto *perfect*. Mais especificamente, buscamos investigar as realizações morfossintáticas de PU, de PRes e de PEx associados ao tempo

passado e ao modo indicativo no PB. As hipóteses elaboradas para este estudo, baseadas nos dados obtidos em Sant'Anna (2019), são: (i) o PU associado ao tempo passado no PB é realizado morfologicamente apenas por meio do verbo principal conjugado no pretérito imperfeito; (ii) o PRes associado ao passado no PB é realizado morfologicamente apenas pelo pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “ter”; e (iii) o PEx associado ao passado no PB é realizado morfologicamente apenas pelo pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “ter”.

Esta monografia está dividida da seguinte maneira: no primeiro capítulo, apresentamos uma descrição do aspecto *perfect*, suas associações com determinados tipos de verbo e as propostas de representação sintática desse aspecto; no segundo capítulo, discorremos sobre as realizações linguísticas do *perfect*; no terceiro capítulo, descrevemos a metodologia utilizada nesta pesquisa; no quarto capítulo, apresentamos os resultados obtidos; no quinto capítulo, discutimos os resultados descritos; e, por fim, expomos as considerações finais deste estudo.

1 ASPECTO *PERFECT*

Considerando que, na caracterização do *perfect*, encontram-se definições que dizem respeito a tempo e a aspecto, nesta seção, começaremos apresentando a definição de tais noções, antes de definir o objeto de estudo propriamente dito.

Segundo Comrie (1985), a categoria linguística de tempo, chamada *tense*, possibilita a localização de situações em relação a determinados pontos de referência, como, por exemplo, o momento da fala. Em contrapartida, a categoria linguística de aspecto possibilita as diferentes maneiras de se fazer referência à constituição temporal interna de uma situação (COMRIE, 1976).

Embora sejam categorias linguísticas distintas, tempo e aspecto apresentam uma relação extensiva (HORNSTEIN, 1990). Dessa forma, os domínios dessas categorias são complementares, como, por exemplo, no que diz respeito às suas realizações morfossintáticas. Em algumas línguas, como o português do Brasil, um mesmo morfema verbal é capaz de veicular valores temporal e aspectual. O exemplo em (1) evidencia que o morfema em destaque fornece informações de tempo, mostrando que a situação ocorreu em um momento anterior ao momento da fala, e informações de aspecto, mostrando que a situação é vista como um bloco fechado no tempo.

(1) Maria caminh**ou** na praça.

Ainda segundo Comrie (1976), aspecto pode ser dividido em dois tipos: gramatical¹ e semântico². O aspecto gramatical pode ser expresso pelos elementos gramaticais que compõem a sentença, como auxiliares e afixos³. O aspecto semântico, por sua vez, independe de qualquer marcação morfológica e diz respeito a traços semânticos aspectuais codificados na raiz verbal, nos argumentos e/ou nos adjuntos.

O aspecto *perfect*, foco deste estudo, é um tipo de aspecto gramatical que se diferencia de outros tipos (perfectivo e imperfectivo) porque não se opõe a eles, sendo, inclusive, combinado com algum deles na sentença. Segundo Pancheva (2003), o *perfect* é definido

¹ Também chamado de “ponto de vista” (SMITH, 1991).

² Também chamado de “tipo de situação” (SMITH, 1991), “aspecto lexical” (DE MIGUEL, 1999) ou “*aktionsart*” (SANZ; LAKA, 2002).

³ Dentre os elementos gramaticais que expressam aspecto gramatical, Comrie (1976) não elenca os advérbios. No entanto, baseamo-nos em Cinque (1999; 2006), que assume que determinados advérbios/expressões adverbiais possuem um papel funcional, ocupando a posição sintática de especificador de sintagmas funcionais, e defendemos que advérbios também se encaixam na classe de elementos que expressam aspecto gramatical.

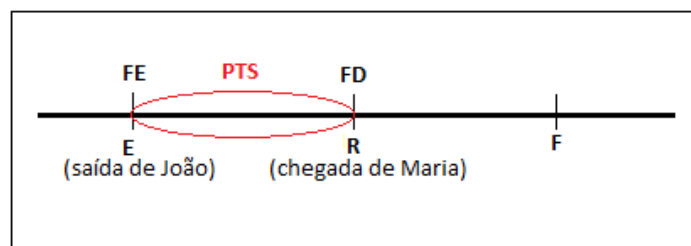
como um intervalo de tempo, denominado *perfect time span* (PTS), que relaciona o momento do evento ao momento de referência, associando, assim, uma situação a dois pontos no tempo, como exemplificado em (2), (3) e (4).

- (2) Eu tenho trabalhado na escola desde 2008.
- (3) Quando Joana chegar, Laura já terá saído.
- (4) Quando Maria chegou, João já tinha saído.

O *perfect* pode ser associado aos tempos presente, futuro e passado (COMRIE, 1976). O exemplo em (2) evidencia a veiculação do *perfect* associado ao tempo presente pelo fato de o evento expresso na sentença ter começado em um ponto no passado (em 2008) e persistir até o momento presente. O exemplo em (3), por sua vez, salienta o *perfect* combinado com o futuro, uma vez que se refere a uma situação cujo momento de evento (a saída de Laura) e de referência (a chegada de Joana) são posteriores ao momento da fala. Por fim, o exemplo em (4), ressalta o *perfect* associado ao passado, uma vez que o momento do evento (a saída de João) e o momento de referência (a chegada de Maria) são anteriores ao momento da fala.

A fim de compreender melhor a relação entre esses dois pontos no tempo, apresentamos na figura 1, a seguir, uma representação, com base no exemplo em (4), do intervalo PTS em que se observa a combinação do *perfect* com o tempo passado, foco deste estudo.

Figura 1 – Representação do intervalo PTS expresso no exemplo em (4) com combinação do *perfect* com tempo passado.



Observando a figura 1, podemos analisar que o PTS está inserido entre duas fronteiras na linha do tempo: uma à direita (FD), indicando momento de referência (R), e uma à esquerda (FE), indicando o momento do evento (E). Por estar relacionado ao tempo passado, o PTS evidencia a localização dessas duas fronteiras em pontos no tempo anteriores ao momento da fala (F).

Assumindo que existem discordâncias expostas na literatura a respeito da descrição do aspecto *perfect*, faz-se necessário apresentar, na próxima seção, uma delas: as diferentes propostas de classificação desse aspecto.

1.1 PROPOSTAS DE CLASSIFICAÇÃO DO ASPECTO *PERFECT*

Alguns dos autores que assumem diferentes classificações do aspecto *perfect* são Comrie (1976), que o divide em quatro tipos, Pancheva (2003), que o divide em três tipos, e McCawley (1981) e Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003), que o divide em dois tipos. De acordo com a proposta de Comrie (1976) de classificação do *perfect*, esse aspecto divide-se nos seguintes tipos: (i) *perfect* resultativo, (ii) *perfect* experiencial, (iii) *perfect* de situação persistente e (iv) *perfect* de passado recente. Esses tipos serão descritos e exemplificados a seguir a partir de suas associações com o tempo presente, já que Comrie (1976), ainda que explicita que o *perfect* pode estar associado aos tempos presente, passado e futuro, trata desse aspecto associando seus tipos ao presente.

O *perfect* resultativo é caracterizado por veicular a noção de um estado presente ser resultado de uma situação passada. O exemplo em (5), retirado de Comrie (1976, p. 56), ilustra o resultado de uma situação passada, o que indica uma relevância no presente.

(5) *John has arrived.*

‘João chegou.’

De acordo com Comrie (1976), a morfologia de passado composto, *to have* no presente + particípio, exposta em (5), evidencia, de forma clara, na língua inglesa, a persistência no presente do resultado da chegada de João, uma vez que pode ser depreendido da situação descrita que João ainda está no local de sua chegada. Em contrapartida, o autor afirma que uma sentença como em (6), retirada de Comrie (1976, p. 56), não garante o mesmo valor aspectual, já que não se pode depreender, devido à morfologia de passado simples utilizada, que João ainda está no local de sua chegada.

(6) *John arrived.*

‘João chegou.’

O *perfect* experiencial, por sua vez, refere-se a uma situação realizada pelo menos uma

vez em um ponto no passado e representa uma experiência no presente. Comrie (1976) afirma que a diferença entre esse tipo de *perfect* e o *perfect* resultativo pode ser observada, respectivamente, em sentenças como em (7) e (8), extraídas de Comrie (1976, p. 59).

(7) *Bill has been to America.*

‘Bill já esteve na América.’

(8) *Bill has gone to America.*

‘Bill foi para a América.’

Segundo Comrie (1976), a sentença em (7), veiculando *perfect* experiencial, revela que a maior saliência semântica é que Bill foi para a América pelo menos uma vez no passado, e que esse evento configura uma experiência para sua vida no tempo presente. Dessa forma, não é inferido que Bill esteja na América no momento de fala. Por outro lado, a sentença em (8), veiculando *perfect* resultativo, diferencia-se do exemplo em (7) porque, necessariamente, implica que, no momento de fala, Bill está na América ou que ele encontre-se no caminho para lá. Desse modo, este evento configura o resultado presente de uma ação passada de ir para a América.

O *perfect* de situação persistente descreve uma situação que começou no passado e continua, persiste no presente, como exemplificado em (9), extraído de Comrie (1976, p. 60). Em outras palavras, esse tipo de *perfect* refere-se tanto ao passado quanto ao presente, ao mesmo tempo.

(9) *I've been waiting for hours.*

‘Eu tenho esperado por horas.’

Por fim, o *perfect* de passado recente diz respeito a um evento passado que é concebido como muito próximo do presente, garantindo seu grau de relevância neste tempo. Comrie (1976, p. 60) afirma que o exemplo em (10) garante esse tipo de *perfect*.

(10) *Bill has just arrived.*

‘Bill acabou de chegar.’

Para Comrie (1976), embora a relevância no presente de uma situação passada não exija que essa situação tenha acontecido recentemente, ainda assim, a recentidade parece ser

uma condição suficiente para fazer emergir essa relevância no presente. Por isso, para esse autor, o exemplo em (10) veicula *perfect* de passado recente, uma vez que o evento descrito possui um grau de recentidade.

Entretanto, o entendimento de que a recentidade é uma condição suficiente para que haja a veiculação de *perfect* de passado recente não é consensual na literatura. Nespoli (2018), por exemplo, argumenta que, nesses casos, a interpretação de *perfect* ocorre devido à informação de resultado no presente de uma situação passada e não pela condição de recentidade da situação. Devido a esse fator, a autora afirma que as sentenças eventualmente classificadas como *perfect* de passado recente deveriam ser enquadradas enquanto veiculadoras de *perfect* resultativo.

Na proposta de classificação do *perfect* de Pancheva (2003), esse aspecto é dividido em três tipos, descritos nos parágrafos a seguir: (i) *perfect* universal, (ii) *perfect* experiencial e (iii) *perfect* resultativo. É importante mencionar que a autora aponta que as diferentes leituras de *perfect* propostas não são peculiaridades desse aspecto associado ao presente, embora seus exemplos concentrem-se nesse tempo. Dessa forma, Pancheva (2003) afirma que as postulações feitas a respeito dos três tipos de *perfect* podem fazer referência ao presente, ao passado e ao futuro.

O *perfect* universal refere-se a uma situação cuja eventualidade subjacente se mantém em um intervalo de tempo, delimitado pelo tempo de enunciação e certo tempo no passado, como exemplificado em (11), retirado de Pancheva (2003, p. 277).

(11) *Since 2000, Alexandra has lived in LA.*

‘Desde 2000, Alexandra vive em LA.’

Se relacionarmos a descrição dos tipos de *perfect* elaboradas por Comrie (1976) e por Pancheva (2003), é possível estabelecer uma relação entre os exemplos em (10) e (11). Ambos os exemplos descrevem situações que se iniciam em um ponto no passado e que persistem até o presente. Assim, a classificação de *perfect* de situação persistente elaborada por Comrie (1976) coincide com a classificação de *perfect* universal elaborada por Pancheva (2003).

O *perfect* experiencial, por sua vez, se caracteriza por a eventualidade subjacente se manter em um subconjunto adequado de um intervalo, se estendendo para trás a partir do tempo de enunciação, como visto em (12), exemplo retirado de Pancheva (2003, p. 277).

(12) *Alexandra has been in LA (before).*

‘Alexandra já esteve em LA (antes).

As descrições do *perfect* experiencial feitas por Comrie (1976) e por Pancheva (2003) coincidem, uma vez que o exemplo em (12), assim como o exemplo em (7), evidencia semanticamente a experiência presente de uma situação passada.

O *perfect* resultativo é descrito por Pancheva (2003) como sendo semelhante ao *perfect* experiencial. A diferença entre esses dois tipos é que, no *perfect* resultativo, o resultado da eventualidade subjacente se mantém no momento de enunciação, como visto em (13), extraído de Pancheva (2003, p. 277). Nesse exemplo, a autora afirma que o resultado do evento de chegar em LA é estar em LA.

(13) *Alexandra has (just) arrived in LA.*

‘Alexandra chegou/acabou de chegar em LA.’

Além disso, Pancheva (2003) defende que a realização do *perfect* resultativo é exclusivamente restrita à sua combinação com eventos télicos, ou seja, aqueles que possuem um ponto final expresso linguisticamente (COMRIE, 1976; BERTINETTO, 2001; BASSO, 2007), como demonstra o exemplo em (14), extraído de Pancheva (2003, p. 279).

(14) *I have built a sandcastle.*

‘Eu construí um castelo de areia.

De acordo com Pancheva (2003), o exemplo em (14) apresenta um evento que permite a veiculação tanto do *perfect* resultativo quanto do *perfect* experiencial, uma vez que um castelo de areia existirá após sua construção. Desse modo, esse evento permite que a experiência de construir um castelo de areia seja palpável assim como o é o resultado de sua construção.

Em contrapartida, um exemplo como em (15), retirado de Pancheva (2003, p. 279), não possibilita uma interpretação resultativa, apenas experiencial, já que, por não haver um ponto final delimitado linguisticamente, não é possível depreender, ao observar a sentença, um resultado final do evento de construir castelos de areia. Ainda assim, a experiência de construir castelos de areia independe da existência ou não de um ponto final delimitado linguisticamente.

(15) *I have built sandcastles.*

‘Eu construí castelos de areia.’

A classificação do *perfect* proposta por McCawley (1981) e Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003) divide esse aspecto em dois tipos a serem descritos nos parágrafos a seguir: (i) *perfect* universal e (ii) *perfect* existencial.

Segundo Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003), o *perfect* universal, quando associado ao presente, refere-se a uma situação que se estende de um ponto no passado até o presente, como exemplificado em (16), retirado de Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003, p. 155).

(16) *I have been sick since 1990.*

‘Eu estou doente desde 1990.’

De acordo com Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003), o *perfect* existencial, quando associado ao presente, revela uma situação que se iniciou e terminou em um ponto no passado, mas que possui efeitos relevantes no presente, como demonstra o exemplo em (17), retirado de Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003, p. 155).

(17) *I have read “Principia Mathematica” five times.*

‘Eu li “Principia Mathematica” cinco vezes.’

A partir da análise das três propostas de classificação do *perfect*, é possível depreender que, embora não seja consensual na literatura, é possível aliar as descrições do *perfect* universal proposto por Pancheva (2003), McCawley (1981) e Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003) à do *perfect* de situação persistente proposto por Comrie (1976). Essa relação pode ser feita porque tais classificações do *perfect*, quando associadas ao presente, descrevem a persistência no presente de situações que se iniciaram no passado.

Além disso, também é possível estabelecer correspondências do *perfect* existencial, proposto por McCawley (1981) e Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003), com os tipos resultativo, experiencial e de passado recente, propostos por Comrie (1976), e resultativo e experiencial, propostos por Pancheva (2003), uma vez que, ao serem associados ao tempo presente, referem-se a situações que, necessariamente, foram concluídas no passado e

possuem alguma relevância no presente.

Com base nessa exposição e levando em consideração que diversos estudos evidenciam uma relação entre aspecto gramatical e semântico (FREITAG, 2011; COAN, FREITAG; PONTES, 2013; FERREIRA FILHO, 2018; 2019), havendo, muitas vezes, restrições combinatórias e preferências de morfologias para a veiculação de determinados aspectos gramaticais com certos tipos de verbo, na próxima seção, apresentamos uma revisão das descrições já apresentadas na literatura quanto à relação entre o *perfect* e tipos de verbo.

1.2 RELAÇÃO ENTRE ASPECTO *PERFECT* E TIPOS DE VERBO

É pertinente retomar, no início desta seção, a noção de aspecto semântico já mencionada neste estudo. O aspecto semântico refere-se à semântica interna presente na codificação da raiz verbal e de itens lexicais que compõem a sentença, como os argumentos e/ou adjuntos. Comrie (1976) estipulou três oposições aspectuais semânticas: dinamicidade *versus* estaticidade, pontualidade *versus* duratividade e telicidade *versus* atelicidade.

Situações dinâmicas são aquelas em que há gasto de energia para que os eventos aconteçam, como exposto no exemplo em (18). Em contrapartida, o autor aponta que situações estativas não dependem de gasto de energia para que se deem, como exemplificado em (19).

(18) Júlia comeu um bolo de cenoura.

(19) Júlia ama bolo de cenoura.

Eventos pontuais, ainda segundo Comrie (1976), não revelam fases internas em sua semântica interna, como visto em (20). Por outro lado, eventos durativos permitem a visualização de fases internas, como mostra o verbo “procurar” em (21).

(20) João achou a chave.

(21) João procurou a chave.

Por fim, o autor demonstra que eventos télicos são aqueles que possuem um ponto final marcado linguisticamente na sentença, como ilustrado em (22). Em oposição, eventos atélicos não possuem um ponto final exposto linguisticamente, como pode ser visto em (23).

(22) Ana nadou até o fim da piscina.

(23) Bruna comeu maçãs.

Os quatro tipos de *perfect* propostos por Comrie (1976), descritos na seção anterior deste trabalho, podem ser combinados com verbos de natureza semântica diferentes. Vendler (1967), ao pesquisar a língua inglesa e seus predicados verbais, postulou a existência de quatro tipos de verbos, que se diferenciam a partir de seu aspecto semântico: estados, atividades, *accomplishments* (processos culminados) e *achievements* (culminações). Esses tipos de verbo estabelecidos por Vendler (1967) foram classificados por Smith (1997) quanto a valores aspectuais semânticos. Além das classificações vendlerianas, Smith (1997) acrescentou, aos diferentes tipos de verbos, os do tipo semelfectivo. Nos parágrafos a seguir, serão descritos os tipos de verbo a luz dos valores aspectuais de acordo com a perspectiva de Smith (1997).

É próprio dos verbos de estado não necessitarem do desprendimento de energia para que a situação descrita ocorra, além de se desenrolarem no tempo permitindo a visualização de fases internas idênticas. Desse modo, as situações em que os verbos de estado se inserem são estativas e durativas, como exemplificado em (24), retirado de Smith (1997, p. 3).

(24) *Know the answer; Love Mary.*

‘Saber a resposta; Amar Maria.’

Os verbos de atividade e de *accomplishment* descrevem situações dinâmicas e durativas. Dessa forma, é necessário algum gasto de energia para que tais situações aconteçam, ao mesmo tempo em que é possível de se visualizarem as fases internas dos eventos. Smith (1997) aponta que o que os diferencia é a propriedade aspectual de telicidade: enquanto as situações com verbos de atividade são caracterizadas por não possuírem um ponto final inerente linguisticamente, como visto em (25), retirado de Smith (1997, p. 3), as situações com verbos de *accomplishment* evidenciam esse ponto final inerente linguisticamente, como ilustra o exemplo em (26), retirado de Smith (1997, p. 3).

(25) *Laugh; Stroll in the park.*

‘Rir; Passear no parque.’

(26) *Build a house; Walk to school; Learn Greek.*

‘Construir uma casa; Andar até a escola; Aprender grego.’

A telicidade também marca a diferença semântica entre eventos que possuem verbos de *achievement* e semelfectivos, embora esses dois tipos de verbo compartilhem a semelhança de estarem inseridos em situações dinâmicas e instantâneas. Verbos do tipo *achievement* incorporam-se a eventos télicos, como exposto no exemplo em (27), retirado de Smith (1997, p. 3). Verbos do tipo semelfectivo incorporam-se a eventos atélicos, como visto no exemplo em (28).

(27) *Win a race; Reach the top.*

‘Vencer uma corrida; Alcançar o topo.’

(28) *To sob; To cough.*

‘Soluçar; Tossir.’

Baseando-nos nessa classificação de tipos de verbos e levando em consideração que, em muitos estudos, foi evidenciada a relação entre aspecto gramatical e semântico, alguns autores investigaram se haveria alguma relação entre o aspecto *perfect* e os tipos de verbo. Dentre esses estudos, destacamos que autores como Brugger (1998), Pancheva (2003), Ritz (2012) e Nespoli (2018) afirmam que o *perfect* resultativo só pode ser expresso por eventos télicos.

A partir disso, Ferreira Filho (2018; 2019) pôs à prova tal afirmação, baseando-se em dados de fala espontânea do português do Brasil. Os resultados indicaram que a maioria dos dados de *perfect* resultativo foi encontrada em sentenças de situações télicas. Entretanto, foi encontrado um único dado de *perfect* resultativo em uma sentença de situação atélica expressa com um verbo de atividade, ilustrado a seguir por meio da oração em negrito no exemplo em (29).

(29) “Mas você fez amiguinhos aí?” – não sei o quê – ela “ah, **já fiz** mas não é a mesma coisa”.

Com isso, o autor defendeu que a restrição imposta por Brugger (1998), Pancheva (2003), Ritz (2012) e Nespoli (2018) não se aplica ao português brasileiro, embora haja uma tendência combinatória desse tipo de *perfect* com a noção aspectual semântica de telicidade.

O mesmo autor, Ferreira Filho (2019), verificou a relação entre os quatro tipos de *perfect* propostos por Comrie (1976) e os tipos de verbo propostos por Vendler (1967),

analisando dados de fala espontânea do português do Brasil em que o *perfect* se associava ao presente.

Em suas investigações, o autor concluiu que, em relação ao *perfect* experiencial e ao *perfect* de situação persistente, não parece haver restrições quanto ao tipo de verbo usado para a expressão desses tipos de *perfect*. Quanto ao *perfect* de passado recente, os dados obtidos foram mínimos para serem estabelecidas conclusões quanto a restrições para a sua expressão levando em consideração o tipo de verbo usado na sentença.

Vale destacar que Sant’Anna (2020), ao investigar as leituras de *perfect* existencial que emergem a partir do ordenamento de verbos em relação ao advérbio “já” no português brasileiro, verificou que, independentemente da telicidade, a definitude parece ser o principal fator diferenciador no tipo de *perfect* existencial que se pretende veicular. Nesse sentido, embora as sentenças em (30) e (31) constituam situações télicas, o determinante definido do DP complemento do verbo em (30) parece influenciar a leitura de resultatividade, enquanto o determinante indefinido em (31) parece influenciar a leitura de experiência. Os exemplos a seguir foram extraídos de Sant’Anna (2020).

(30) Pedro pagou **a** conta já.

(31) Mariana bordou **uma** camisa já.

A partir disso, neste trabalho, quando empreendemos uma reanálise dos dados de PE de outros autores como exemplos de veiculação de PRes ou de PEx, levamos em consideração o critério de definitude exposto em Sant’Anna (2020).

Na seção seguinte, discorreremos sobre o modo como o aspecto *perfect* é representado sintaticamente na Faculdade da Linguagem.

1.3 REPRESENTAÇÃO SINTÁTICA DO ASPECTO *PERFECT*

Como o objeto da linguística gerativa é o entendimento da organização do conhecimento sintático na mente humana, a representação hierárquica do modo como estruturas sintáticas organizam-se na Faculdade da Linguagem dos falantes faz parte do objeto de investigação de pesquisas que adotam tal arcabouço teórico. Para isso, inicialmente, Chomsky (1970) propôs a Teoria X-Barra, no âmbito da qual as estruturas sintáticas das sentenças são representadas por meio de diagramas arbóreos.

Assim, as árvores sintáticas são representações da maneira como os itens lexicais e

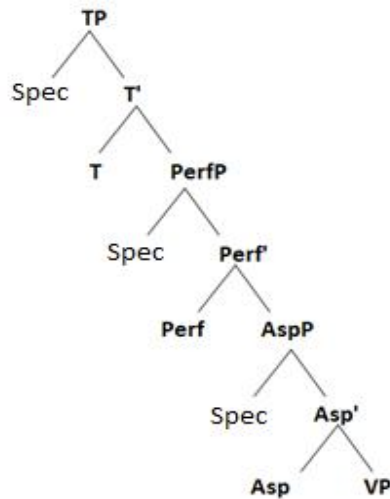
funcionais estão estruturados na gramática mental dos falantes. Dessa forma, essas árvores dividem-se em duas camadas: a lexical, alocando traços de natureza lexical, e a funcional, alocando, dentre outros, traços de natureza flexional, sendo esta última a camada mais relevante para este trabalho, uma vez que as categorias de tempo e aspecto estão inseridas na mesma.

Além disso, inicialmente postulou-se que as categorias funcionais de tempo, aspecto, modo e concordância, por exemplo, estariam alocadas em um único sintagma flexional, conhecido como IP (EMONDS, 1978 *apud* POLLOCK, 1989), considerado a projeção mais alta na representação sintática das sentenças das línguas naturais.

Entretanto, Pollock (1989) realizou um estudo comparativo das línguas inglesa e francesa a partir da análise do posicionamento de verbos em relação, por exemplo, a advérbios intrasentenciais e propôs uma cisão no IP em dois sintagmas distintos: um relativo à concordância (AgrP) e outro a tempo (TP).

No que diz respeito ao *perfect*, aspecto cujos traços estariam também relacionados ao IP, algumas divergências quanto à sua representação sintática se fazem presentes na literatura. Trabalhos como os de Alexiadou, Rathert e Von Stechow (2003) e de Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003) defendem a proposta de que há apenas um sintagma para representar o *perfect*, o PerfP, em que estariam alocadas as informações relativas ao *perfect* universal e ao *perfect* existencial, sem haver dissociação sintática entre eles. Além disso, também é proposto, como visualizado na figura 2 a seguir, que o sintagma de *perfect* estabelece uma relação de dominância sobre o sintagma dos aspectos perfectivo e imperfectivo, localizando-se, portanto, acima deste sintagma aspectual, o AspP.

Figura 2 – Representação sintática do aspecto *perfect*, segundo Alexiadou, Rathert e Von Stechow (2003) e Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003).



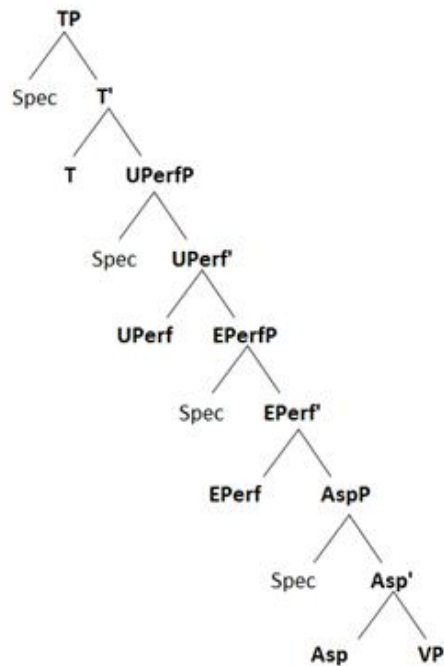
Fonte: Adaptado de Alexiadou, Rathert e Von Stechow (2003, p. 7) e Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003, p. 181).

Nessa proposta, AspP abriga o traço [\pm delimitado], sendo positivamente especificado quando se refere a eventos que veiculam o aspecto perfectivo e negativamente especificado quando se refere a eventos que veiculam o aspecto imperfectivo. Por sua vez, PerfP tem seu traço especificado positivamente quando uma sentença veicula *perfect*, dessa forma, quando esse aspecto não é veiculado sentencialmente, seu traço é especificado negativamente.

Assim, a diferença entre os dois tipos de *perfect* depende da associação dos traços dos sintagmas PerfP e AspP. Dessa forma, quando o traço de *perfect*, em PerfP, e o traço [delimitado], em AspP, estão positivamente especificados nos núcleos de seus respectivos sintagmas, o tipo de *perfect* veiculado é o existencial. Porém, caso o traço de *perfect* no núcleo de PerfP esteja positivamente especificado mas o traço [delimitado] seja negativamente especificado no núcleo de AspP, o *perfect* universal é veiculado.

Em contrapartida, trabalhos como os de Nespoli (2018) propõem que, na representação sintática do aspecto *perfect*, o PU e o PE estejam dissociados. Desse modo, há um sintagma referente a PU, o UPerfP, e um sintagma referente a PE, o EPerfP. Além disso, quanto à hierarquia estabelecida entre esses sintagmas, a autora assume que UPerfP domine EPerfP, como representado na figura 3 a seguir:

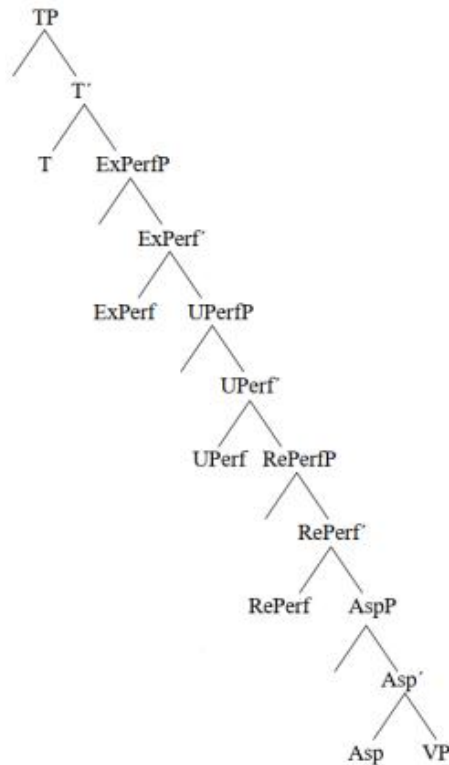
Figura 3 – Representação sintática do aspecto *perfect* em que UPerfP domina EPerfP, segundo Nespoli (2018).



Fonte: Nespoli (2018, p. 153).

Autores como Rodrigues e Martins (2019) e Gomes (2020), baseados, respectivamente, em classificações do *perfect* em três e quatro tipos, propõem ainda a existência de outros sintagmas referentes ao aspecto *perfect*. Na primeira proposta, Rodrigues e Martins (2019) propõem que, na representação sintática do *perfect*, há a projeção de três sintagmas: UPerfP, RePerfP e ExPerfP. De acordo com as autoras, o sintagma de UPerfP, referente ao *perfect* de situação persistente, e o de RePerfP, referente ao *perfect* resultativo, correspondem, respectivamente, aos sintagmas de PU e PE propostos por Nespoli. Assim, Rodrigues e Martins (2019) defendem a existência de um novo sintagma, referente ao *perfect* experiencial, o ExPerfP, como representado na figura 4 a seguir:

Figura 4 – Representação sintática do aspecto *perfect*, segundo Rodrigues e Martins (2019).



Fonte: Adaptado de Rodrigues e Martins (2019, p. 180).

O estudo da representação sintática de categorias funcionais, assim como a de *perfect* descrita nesta seção, pode ser realizado de diversas maneiras. Uma das mais proeminentes na teoria é conhecida como cartografia sintática. Os investigadores que utilizam tal método entendem que o estudo do ordenamento linear dos advérbios nas sentenças contribui para o entendimento da hierarquia sintática das categorias funcionais.

Cinque (1999) postula a existência de projeções funcionais na representação sintática levando em consideração a hierarquia entre elas. Nesse estudo cartográfico, o autor ressalta que determinados advérbios ocupam a posição de especificador de núcleos funcionais. Além disso, Tesconi Neto (2019) assume que alguns advérbios são bons diagnósticos para o movimento do verbo. De acordo com autores como Pollock (1989) e Bok-Bennema (2001), o exame da posição de verbos em relação a advérbios na sentença pode ser usado como método para a investigação acerca da hierarquia de categoriais funcionais na árvore sintática. Assim, esse método é um dos caminhos metodológicos que possibilitam investigar a representação sintática de sintagmas de *perfect*, por exemplo.

Para implementar tal método, é preciso primeiramente identificar quais advérbios ocupariam a posição de especificador de sintagmas de *perfect*. A esse respeito, Nespoli (2018) elenca uma série de advérbios e expressões adverbiais que veiculam *perfect*, podendo, alguns

deles, ocupar a referida posição. É importante mencionar que tais advérbios e expressões adverbiais, expostos no quadro 1 a seguir, foram investigados pela autora para a expressão do *perfect* associado ao presente nas seguintes línguas: italiano, francês, espanhol, português europeu e português brasileiro.

Quadro 1 – Advérbios/expressões adverbiais que ocorrem em contexto de realização de *perfect* universal e existencial associado ao presente nas línguas investigadas.

Advérbio/Expressão adverbial	Universal	Existencial
Sempre	Sim	Não
Nunca	Sim	Sim
Desde X tempo	Sim	Não
Há/Faz X tempo	Sim	Não
Ainda	Sim	Não
Até X tempo (no presente)	Sim	Não
Ultimamente	Sim	Não
Já	Não	Sim
Ainda não	Não	Sim

Fonte: Nespoli (2018, p. 138).

Com base no exposto nesta seção, esperamos que este estudo sobre as realizações morfossintáticas do *perfect* associado ao passado contribua não somente para ampliar a descrição das realizações desse aspecto no PB, mas também para aprofundar as investigações sobre a representação sintática hierárquica da(s) categoria(s) funcional(is) relacionada(s) a esse aspecto na camada funcional.

2 REALIZAÇÃO LINGÜÍSTICA DE *PERFECT*

Assumindo as ideias defendidas na teoria da uniformidade (SIGURÐSSON, 2004) e os preceitos dos estudos cartográficos (CINQUE, 1999), mencionados anteriormente, acredita-se que a investigação das realizações das categorias linguísticas permite um melhor entendimento a respeito do modo como essas categorias universais estão estruturadas na mente humana. Por isso, neste capítulo, são apresentadas as realizações linguísticas de PU, de PRes e de PEx no inglês e no português.

2.1 REALIZAÇÕES MORFOLÓGICAS DO *PERFECT* ASSOCIADO AO PRESENTE NO INGLÊS

Ainda que o foco deste trabalho recaia somente sobre a análise de dados do português, optamos por revisar um conjunto de realizações do *perfect* também no inglês, visto que grande parte dos estudos sobre essa categoria aspectual parte dessa língua, servindo de ponto de partida para a comparação com outras. Isso é decorrente do fato de que, no inglês, é possível observar a relação entre forma e função, levando em consideração que há uma morfologia que necessariamente realiza o *perfect* (NESPOLI, 2018; GOMES, 2020).

A morfologia específica para realizar o *perfect* no inglês é formada pelo auxiliar “*to have*” (ter) + particípio do verbo principal (COMRIE, 1976; IATRIDOU; ANAGNOSTOPOULOU; IZVORSKI, 2003; PANCHEVA, 2003), como nos exemplos em (32), em (33) e em (34), extraídos de Pancheva (2003, p. 277).

(32) *Since 2000, Alexandra has lived in LA.*⁴

‘Desde 2000, Alexandra vive/tem vivido em LA.’

(33) *Alexandra has (just) arrived in LA.*

‘Alexandra acabou de chegar em LA.’

(34) *Alexandra has been in LA (before).*

‘Alexandra já esteve em LA (antes).’

Assim, o exemplo em (32), que veicula PU, o exemplo em (33), que veicula PRes, e o exemplo em (34), que veicula PEx, revelam os três tipos de *perfect* associados ao presente.

⁴ Optamos por realizar grifos nos exemplos a fim de dar destaque às formas verbais veiculadoras de *perfect*.

No que diz respeito à associação desse aspecto com esse tempo, o auxiliar “*to have*” encontra-se no presente, aliado ao particípio do verbo principal. Essa estrutura é conhecida, nas gramáticas da língua inglesa, como *present perfect*. Ao longo desta e da próxima seção, adotaremos a denominação de tal morfologia como “passado composto”, assim como o fazem, no Brasil, muitos trabalhos de *perfect* (ILARI, 2001; JESUS *et al.*, 2017; MARTINS; RODRIGUES; ABREU, 2021; entre outros).

Além do passado composto, outras morfologias foram descritas como veiculadoras de *perfect* associado ao presente no inglês, como a perífrase “*to have*” + particípio de “*to be*” + gerúndio, como visto no exemplo em (35), retirado de Lopes (2016, p. 55), a perífrase “*to be*” (“*ser/estar*”) + gerúndio, como mostra o exemplo em (36), retirado de Lopes (2016, p. 55), e presente simples, como ilustra o exemplo em (37), retirado de Jesus (2016, s/p). Essas morfologias não estão a serviço dos diferentes tipos de *perfect*, veiculando apenas PU associado ao presente (LOPES, 2016; JESUS, 2016).

(35) *They've been doing it for 9 years.*

‘Eles estão fazendo isso por 9 anos’

(36) *I think that I... I'm enjoying making the films (...)*

‘Eu acho que eu... eu estou gostando de fazer os filmes’

(37) *He still lives at home?*

‘Ele ainda mora em casa?’

A leitura dos exemplos demonstra que advérbios e expressões adverbiais possuem um papel importante na veiculação do *perfect*. Mais especificamente, Lopes (2016) afirma que “*since*” (desde), “*for x tempo*” (por x tempo), “*always*” (sempre), “*recently*” (recentemente) e “*lately*” (ultimamente) são advérbios e expressões adverbiais que asseguram a leitura de PU.

Quanto ao PE, Machado e Martins (2020) investigaram as realizações linguísticas desse aspecto associado ao presente no inglês. Segundo essas autoras, além da morfologia de passado composto, ilustrada no exemplo em (33), apresentado no início da seção, o PE pode também ser realizado por meio do pretérito perfeito, apresentado em (38), e pelo passado composto com apagamento do auxiliar “*to have*” (“*ter*”), como apresentado em (39). Além disso, também foi verificada a ocorrência de uma forma morfologicamente ambígua, assim denominada por poder ser interpretada tanto como pretérito perfeito quanto como passado composto com apagamento do auxiliar. Dessa forma, ocorrências como a ilustrada em (40) não puderam ser categoricamente enquadradas como formas de pretérito perfeito nem de

passado composto com apagamento de auxiliar, já que o verbo principal utilizado tinha a mesma forma no particípio e no pretérito perfeito. Os exemplos a seguir foram retirados de Machado e Martins (2020, p. 49).

(38) *I went there before, it was fine.*

‘Eu fui lá antes, foi bom.’

(39) *I broken actually tons (of bones).*

‘Eu, na verdade, (já) quebrei vários (ossos).’

(40) *I just read an article on him.*

‘Eu acabei de ler um artigo sobre ele.’

Embora Machado e Martins (2020) tenham trabalhado apenas com a classificação do PE, é possível analisar os exemplos apresentados acima à luz da diferenciação entre PRes e PEx. Assim, os exemplos em (38) e em (39) podem ser analisados como PEx, já que é possível observar a noção de experiência no presente de uma situação passada a partir da relação entre dois pontos no tempo. O exemplo em (40), por outro lado, pode ser analisado como PRes, já que é possível observar a noção de resultado no presente de uma situação passada⁵.

A morfologia de passado composto dá conta da leitura aspectual de *perfect*, no entanto, as demais morfologias citadas acima necessitam do auxílio de advérbios ou expressões adverbiais para se garantir que esse seja o aspecto veiculado na sentença. Logo, em sentenças com morfologias distintas do passado composto, ainda que os advérbios ou expressões adverbiais não estejam foneticamente realizados, devem estar sintaticamente ativos na representação linguística da sentença para que haja a veiculação de *perfect* (NESPOLI; MARTINS, 2018; MACHADO; MARTINS, 2020).

Como se pôde observar ao longo desta seção, o *perfect*, tanto universal quanto resultativo e experiencial, pode ser veiculado por meio da morfologia de passado composto. Além disso, o PU associado ao presente no inglês possui outras formas de realização, a saber: a perífrase “*to have*” (“ter”) + particípio de “*to be*” (“ser/estar”) + gerúndio; a perífrase “*to*

⁵ Como apresentado ao final da seção 1.2 do capítulo anterior, a interpretação de sentenças télicas com complementos encabeçados por artigo indefinido, como é o caso da sentença exemplificada em (40), podem ser interpretadas como veiculadoras de PEx, porém, neste caso especificamente, a interpretação da sentença como veiculadora de PRes está ancorada no uso do advérbio “*just*” (“recentemente”), indicando que o resultado no presente de um evento que acaba de acontecer parece ser o mais saliente para o falante.

be” (“ser/estar”) + gerúndio; e o presente simples. O PE associado ao presente no inglês pode também ser realizado, para além do passado composto, pelo passado composto com apagamento do auxiliar “*to have*” (“ter”) e pelo pretérito perfeito. O quadro 2, a seguir, esquematiza essas morfologias que veiculam PU, PRes e PEx associados ao presente no inglês à luz dos dados expostos na literatura mencionada.

Quadro 2 – Morfologias que veiculam PU, PRes e PEx associados ao presente no inglês com base nos estudos revisados.

PU	PRes	PEx
passado composto	passado composto	passado composto
“ <i>to have</i> ” + participio de “ <i>to be</i> ” + gerúndio	passado composto com apagamento do auxiliar “ <i>to have</i> ”	passado composto com apagamento do auxiliar “ <i>to have</i> ”
auxiliar “ <i>to be</i> ” + gerúndio	pretérito perfeito ⁶	pretérito perfeito
presente simples		

Na seção seguinte, é feita uma revisão da literatura sobre a maneira como o *perfect* associado ao presente é realizado linguisticamente no PB.

2.2 REALIZAÇÕES MORFOLÓGICAS DO *PERFECT* ASSOCIADO AO PRESENTE NO PORTUGUÊS

Para iniciarmos as discussões a respeito da realização linguística do *perfect* no PB, os trabalhos de Molsing (2010) e de Ilari (2001) mostram-se relevantes. Esses autores afirmam que a morfologia de passado composto (“ter” + participio) pode veicular PU associado ao presente, como pode ser visto em (41), extraído de Molsing (2010, p. 178).

(41) A Maria **tem estado** doente.

⁶ A sentença em (40), classificada como veiculadora de PRes, tinha, segundo Machado e Martins (2019), uma forma morfológicamente ambígua, podendo ser interpretada tanto como passado composto com apagamento de auxiliar quanto como pretérito perfeito. Contudo, dadas tais possibilidades, neste estudo, assumimos que ambas poderiam ser veiculadoras de PRes.

Novaes e Nespoli (2014) e Jesus (2017), por sua vez, apontam que outras formas verbais podem veicular PU associado ao presente, para além do passado composto, como o presente simples e a perífrase progressiva formada por um verbo auxiliar conjugado no presente + gerúndio do verbo principal, respectivamente dispostos nos exemplos em (42) e (43), extraídos de Novaes e Nespoli (2014, p. 267).

(42) Eu **moro** no Rio de Janeiro (desde 1990).

(43) Eu **estou morando** no Rio de Janeiro.

Jesus (2017) mostra que a morfologia de passado composto só foi encontrada, em seu trabalho, para veicular PU associado ao presente em textos escritos. Assim, para a modalidade oral, as outras morfologias apresentadas anteriormente são mais utilizadas.

Além disso, Jesus *et al.* (2017) pontuam que a morfologia de presente simples no PB, quando veicula PU, deve apresentar consigo advérbios e expressões adverbiais foneticamente realizados. Porém, Martins, Rodrigues e Abreu (2021) encontraram dados de veiculação desse aspecto por meio do presente simples nos quais não havia realização fonética dos advérbios, mas, ao observarem o contexto linguístico que ensejava tais produções, advogaram, em consonância com Nespoli (2018) e Nespoli e Martins (2018), que esses estavam ativos na representação sintática, como ilustra o exemplo em (44), extraído de Martins, Rodrigues e Abreu (2021, p. 172).

(44) Aí a Luciana **tá** conhecendo vários caras... Tá conhecendo não, conversa com vários caras assim tipo...

Desse modo, os trabalhos analisados mostram que o PU associado ao presente no PB pode ser realizado pelas seguintes morfologias: passado composto, presente simples e perífrases progressivas.

De acordo com Travaglia (2014), é possível realizar linguisticamente a noção de resultatividade por meio de um adjetivo gramaticalizado, assim como ilustra o exemplo em (45), extraído de Travaglia (2014, p. 56).

(45) **Tenho** a lição **estudada**.

Travaglia (2014) também afirma que uma morfologia do PB capaz de veicular a noção de experienciamento⁷ é a de pretérito perfeito. O exemplo em (46), extraído de Travaglia (2014, p. 58), apresenta o pretérito perfeito acompanhado do advérbio “já”.

(46) José **já esteve** no sul do país, eu não.

Embora o autor não utilize a nomenclatura de PRes e PEx, podemos reanalisar o exemplo em (45) enquadrando-o na classificação de PRes, já que há um resultado no presente de uma situação passada. Na mesma direção, podemos classificar o exemplo em (46) como veiculador de PEx, uma vez que há relação entre dois pontos no tempo, sendo o advérbio “já” marcador da fronteira à direita do intervalo PTS, e tal relação marca por uma experiência no presente de uma situação passada.

Matos (2017) fornece evidências para postular que, no PB, o passado composto não realiza PE associado ao presente. De acordo com seus dados, esse tipo de *perfect* é morfologicamente realizado pelas seguintes formas verbais: (i) pretérito perfeito aliado a uma informação adicional, como advérbios, por exemplo, (ii) perífrase formada por “acabar” no pretérito perfeito + de + infinitivo e (iii) verbo “estar” no presente acompanhado de um adjetivo. Tais morfologias estão respectivamente ilustradas nos exemplos em (47), (48) e (49), extraídos de Matos (2017, p. 24-25).

(47) **Já testei** uma infinidade de marcas e achei todos bem iguais.

(48) Mas pensa naquela amiga/amigo que **acabou de conseguir** seu próprio espacinho, ama hip-hop e adora coisinhas pra decorar.

(49) Você **tá** com o cabelo muito bem **cortado**.

Matos (2017) menciona que a morfologia de pretérito perfeito parece não ser suficientemente capaz de veicular PE associado ao presente, necessitando, assim, de advérbios para estabelecer a relação entre passado e presente, marcando a fronteira à direita, como exemplificado em (47). Contudo, de acordo com Nespoli e Martins (2018), os advérbios/ expressões adverbiais, em casos de veiculação de *perfect* existencial por meio de

⁷ Embora “experienciamento” seja o termo utilizado por Travaglia (2014), neste trabalho adotamos a nomenclatura de “experiência” quando tratamos da noção elicitada por sentenças veiculadoras de PEx.

pretérito perfeito nas línguas românicas, podem não estar foneticamente realizados uma vez que estejam sintaticamente ativos na representação sintática da sentença.

Com relação ao uso de sentenças com verbo “estar” no presente + adjetivo, como visto em (49), Matos (2017) afirma que tal realização morfossintática é utilizada veiculando PE devido ao adjetivo, que estabelece relação de relevância no presente de uma situação ocorrida no passado.

Embora Matos (2017) trabalhe com a classificação do *perfect* em dois tipos, é possível reanalisar os dados de PE vistos em (47), (48) e (49) a partir da subdivisão do PE em PRes e PEx. Assim, o exemplo em (47) pode ser classificado como veiculador de PEx, uma vez que é possível observar a noção de experiência no presente de uma situação passada a partir da relação entre dois pontos no tempo⁸. Além disso, classificamos os exemplos em (48) e (49) como veiculadores de PRes, já que é possível observar a noção de resultado no presente de uma situação passada a partir da relação entre dois pontos no tempo. Vale ressaltar que, embora o exemplo em (47), com a morfologia de pretérito perfeito, seja um caso de PEx, essa forma verbal não é exclusiva desse tipo de *perfect*. Rodrigues e Martins (2018) e Gomes (2020) atestam que o pretérito perfeito também veicula PRes, como mostra o exemplo em (48), extraído de Gomes (2020, p.118).

(48) O rosto tá liso. Já **fez** a barba.

A partir disso, o quadro 3, a seguir, apresenta uma síntese das morfologias que veiculam PU, PRes e PEx associados ao presente no português à luz dos dados expostos na literatura mencionada.

Quadro 3 – Morfologias que veiculam PU, PRes e PEx associados ao presente no português com base nos estudos revisados.

PU	PRes	PEx
passado composto	“acabar” no pretérito perfeito + de + infinitivo	pretérito perfeito
presente simples	“estar” + adjetivo	

⁸ A sentença exposta em (47) foi interpretada como veiculadora de PEx, uma vez que há um complemento com determinante indefinido, assim como explicado na seção 1.2.

auxiliar + gerúndio	pretérito perfeito	
---------------------	--------------------	--

A partir da visualização do quadro 3 e do que foi descrito nesta seção e nas seções anteriores, conclui-se que o PB possui um comportamento diferente do inglês. Enquanto o passado composto é capaz de veicular os três tipos de *perfect* no inglês, essa morfologia está a serviço apenas do PU no português. Mesmo com essa diferença, as outras morfologias que veiculam *perfect* no inglês nutrem semelhanças com algumas que veiculam esse aspecto no PB, como a perífrase “*to be*”/ “estar” + gerúndio e o presente simples, para o PU, e o pretérito perfeito, para o PRes e o PEx.

2.3 REALIZAÇÕES MORFOLÓGICAS DO *PERFECT* ASSOCIADO AO PASSADO NO INGLÊS E NO PORTUGUÊS

Diferentemente do *perfect* associado ao presente, poucos trabalhos apresentam investigações a respeito da associação desse aspecto com o tempo passado. Dentre esses, Comrie (1976) postula que o *perfect* associado ao passado expressa a relação entre um estado passado e uma situação ainda anterior a ele também no passado.

Como já aclarado, esse autor postula que, na língua inglesa, a morfologia que está à disposição do *perfect*, independentemente do tempo a que esse aspecto se associa, é a perífrase “*to have*” + particípio. Quando associado ao passado, o *perfect* é realizado nessa língua pelo auxiliar “*to have*” conjugado no passado + particípio do verbo principal, morfologia conhecida pela literatura como *past perfect*, exemplificada em (49), retirado de Comrie (1976, p. 53).

(49) *John had eaten the fish.*

‘João tinha comido o peixe.

Embora a morfologia de *past perfect* seja considerada canônica para veicular *perfect* associado ao passado no inglês, ao observarmos os dados descritos por Bowie, Wallis e Aarts (2003), podemos verificar que a morfologia de *simple past* também permite a veiculação de tal noção aspectual, como mostra o exemplo em (50) a seguir, extraído de Bowie, Wallis e Aarts (2003, p. 341). Os autores destacam que o discurso direto é um dos contextos que favorecem esse uso.

(50) *Can you remember how you felt when you heard that she **died**?*

‘Você lembra como você se sentiu quando você ouviu que ela morreu?’

(51) *Oh actually Dad asked me if Sarah **had phoned** me on Sunday.*

‘Na verdade, o papai me perguntou se a Sarah tinha me telefonado no domingo.’

Segundo Bowie, Wallis e Aarts (2003), discursos indiretos, como aquele ilustrado no exemplo em (50), extraído de Bowie, Wallis e Aarts (2003, p. 341), podem apresentar o uso do *past perfect* para realizar o discurso reportado quando o evento é passado. Porém, os autores mostram que, no contexto de discurso direto, o uso do pretérito perfeito, como mostra o exemplo em (51), extraído de Bowie, Wallis e Aarts (2003, p. 341), é preferido pelos falantes.

A explicação fornecida pelos autores é a de que parece haver uma crescente tendência à simplificação do *past perfect* para o pretérito perfeito. Isso ocorre pela necessidade dos falantes de evitar mudanças temporais em discursos diretos, as quais são nomeadas como *backshifting* (BOWIE; WALLIS; AARTS, 2003).

No entanto, observamos que tanto o *backshifting* para o *past perfect*, utilizado em discursos indiretos, quanto a utilização do pretérito perfeito garantem a interpretação de que o valor aspectual veiculado é o de *perfect* associado ao passado.

Com relação ao português, observa-se uma escassez de estudos com objetivo de investigar as formas de realização linguística do *perfect* associado ao passado. No entanto, alguns estudos sobre determinadas formas verbais nessa língua parecem fornecer evidências para o entendimento do fenômeno.

Cunha e Cintra (1985) postulam que a morfologia de pretérito mais-que-perfeito indica uma ação passada que ocorreu antes de outra ação também no passado. Para esses autores, essa forma verbal pode ser simples, correspondendo à desinência –ra, ou composta, correspondendo à perífrase “ter” no pretérito imperfeito + particípio, como mostram respectivamente os exemplos em (52) e (53), extraídos de Cunha e Cintra (1985, p. 445).

(52) O médico **tornara-se** tão fastidioso que o Barbaças desinteressou-se.

(53) Quando voltei, as casuarinas **tinham desaparecido** da cidade.

A descrição feita por Cunha e Cintra (1985) para essas formas verbais são condizentes com a definição do *perfect* associado ao passado, mais especificamente, do *perfect* existencial, embora os autores não trabalhassem com tais conceitos. Nessa direção, é possível classificar o

exemplo em (52) como veiculador de PEx associado ao passado, uma vez que a relação entre dois pontos na linha temporal é estabelecida pela experiência ocorrida em um ponto no passado, marcada pela situação de tornar-se fastidioso, em outro ponto, marcado pela situação de desinteressar-se, também no passado. O exemplo em (53), por sua vez, é entendido como veiculador de PRes associado ao passado, já que a relação entre dois pontos na linha temporal é estabelecida pelo resultado produzido em um ponto no passado, marcado pela situação de ter desaparecido, em outro ponto, marcado pela situação de voltar, também no passado. No entanto, vale destacar que a morfologia de pretérito mais-que-perfeito simples não é mais utilizada na modalidade oral do PB, estando sua produção restringida à forma composta (GONÇALVES, 1993). Ademais, Martins (2011) evidencia que, mesmo na modalidade escrita do PB, o pretérito mais-que-perfeito simples perde, significativamente, espaço para a variante composta.

O trabalho de Coan (1997) evidencia as tendências de uso das realizações linguísticas no PB da noção aspectual de anterioridade a um ponto de referência no passado. Essa autora destacou que, em determinados contextos, essa noção pode ser realizada tanto pela morfologia de pretérito-mais-que-perfeito composto quanto pela forma de pretérito perfeito, respectivamente ilustradas nos exemplos em (54) e (55), extraídos de Coan (1997, p. 58).

(54) ...ela foi lá falar com a Telma que **tinha dado** positivo.

(55) ...ela foi lá falar com a Telma que **deu** positivo.

Embora a autora não trabalhe com a classificação de PRes e PEx, é possível classificar os exemplos em (54) e (55) à luz dessa divisão do *perfect*. Assim, ambas as sentenças contidas em (54) e (55) constituem exemplos de PRes associado ao passado, já que a relação entre dois pontos na linha temporal se dá pelo resultado produzido em um ponto no passado, marcado pela situação de ter dado/dar positivo, em outro ponto, marcado pela situação de ir falar com a Telma, também no passado, independentemente da morfologia utilizada para veicular tal aspecto.

De acordo com Coan (1997), a forma de pretérito mais-que-perfeito composto parece estar cedendo lugar para a de pretérito perfeito. Assim, a partir do que é advogado por Coan (1997) e por Bowie, Wallis e Aarts (2003), é possível inferir que o português e o inglês parecem ter comportamentos semelhantes quanto ao uso das morfologias que veiculam *perfect* associado ao passado.

Nespoli (2018) também indicou que o pretérito mais-que-perfeito pode veicular o *perfect* associado ao passado, conforme a sentença expressa no exemplo em (56), que, a partir de uma reanálise à luz da classificação em PRes e PEx, veicula PRes. Tal reanálise é balizada pelo critério de definitude, exposto por Sant’Anna (2020), tratado na seção 1.2 deste trabalho, que afirma que determinantes definidos parecem influenciar a leitura de resultatividade.⁹

(56) João **tinha comido** o bolo.

Vale destacar que tais descrições do *perfect* associado ao passado no PB contemplam apenas o valor de PE, mas não o de PU. Visando minimizar essa lacuna nos estudos acerca das realizações de *perfect* associado ao passado no PB, Sant’Anna (2019) realizou um trabalho em que investigava, exclusivamente na fala espontânea, as realizações de *perfect* considerando a sua divisão em PU e PE associados ao passado. Nesse estudo piloto, a autora investigou as formas verbais que veiculam esse aspecto a partir da observação do ordenamento de verbos em relação aos advérbios “ainda”, quando veiculava PU, e “já”, quando veiculava PE.

Os resultados mostraram que o PU pode ser realizado pela morfologia de pretérito imperfeito e o PE pode ser realizado pelo pretérito mais-que-perfeito composto, como mostram respectivamente os exemplos em (57) e (58), ambos extraídos de Sant’Anna (2019, s/p).

(57) Ela não sabia se aquele ônibus ainda **ia** pro Tijuca Off Shopping.

(58) Eu já **tinha marcado** com eles.

A escassez e a restrição dos dados obtidos por Sant’Anna (2019) limitaram a formulação de análises e conclusões mais aprofundadas a respeito das realizações linguísticas que veiculam *perfect* associado ao passado. Porém, esse estudo permite estabelecer um paralelo inicial entre os dados do português obtidos por essa autora e as postulações de Comrie (1976) sobre o inglês. Embora, para esse autor, a língua inglesa pareça ter uma morfologia específica para veicular *perfect*, o português permite a realização desse aspecto associado ao passado por meio de outras morfologias, como a de pretérito imperfeito, ainda

⁹ Salientamos que o trabalho Nespoli (2018) não tinha o objetivo de analisar as realizações morfossintáticas do *perfect* associado ao passado e que essa descrição não é oriunda de análise de dados linguísticos.

que o pretérito mais-que-perfeito composto também esteja à disposição da veiculação do PE nesta língua.

Como visto anteriormente, os advérbios e expressões adverbiais também atuam na veiculação de *perfect* nas línguas. Por isso, na próxima seção, discorre-se sobre a contribuição desses constituintes para a veiculação desse aspecto no português e no inglês.

2.4 ADVÉRBIOS E EXPRESSÕES ADVERBIAIS ASSOCIADOS AO *PERFECT* NO INGLÊS E NO PORTUGUÊS

De acordo com McCoard (1978), Giorgi e Pianesi (1997), Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003) e Nespoli (2018), advérbios e expressões adverbiais operam na veiculação de *perfect*, aliados à morfologia verbal. A partir disso, autores como Klein (1992) e Kiparsky (2002) investigaram a compatibilidade de alguns advérbios com a morfologia de *present perfect* no inglês. Em seus resultados, observaram que alguns advérbios de passado não podiam se combinar com essa morfologia. Tal incompatibilidade foi denominada *perfect puzzle*.

Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003), McCoard (1978), Klein (1992), Giorgi e Pianesi (1998) exemplificaram o *perfect puzzle* mostrando algumas diferenças entre o *perfect* e o perfectivo. De acordo com esses autores, advérbios/expressões adverbiais como “*yesterday*” (ontem) e “*in 1959*” (em 1959) não podem ser combinados em sentenças com a morfologia de *present perfect*, como mostra o exemplo em (59). Por outro lado, esses advérbios/expressões adverbiais podem aparecer em sentenças combinados ao *simple past*, como mostra o exemplo em (60). Por sua vez, expressões adverbiais iniciadas por *since* (desde) são compatíveis com o *perfect*, como mostra o exemplo em (61), mas não com o perfectivo, como mostra o exemplo em (62).

(59) **I have cooked for you in 1959.*

‘*Eu tenho cozinhado para você em 1959.’

(60) *I cooked for you in 1959.*

‘Eu cozinhei para você em 1959.’

(61) *I have have cooked for you since 1959.*

‘Eu tenho cozinhado para você desde 1959.’

(62) **I cooked for you since 1959.*

‘*Eu cozinhei para você desde 1959.’

Giorgi e Pianesi (1997) explicitam, dessa forma, que é impossível combinar advérbios/expressões adverbiais exclusivamente de tempo passado, como “*in 1989*” nos exemplos em (59) e (60), a uma morfologia que expresse a leitura aspectual de um intervalo de tempo que inclui o momento da situação e persiste ou é relevante no presente, como “*have cooked*” no exemplo em (59).

Diante dessas afirmações, diversos pesquisadores buscaram formular listas de advérbios/expressões adverbiais que estariam a serviço do *perfect*. Dentre eles, revisamos aqui Nespoli (2018), que, ao comparar línguas românicas, estabeleceu uma divisão entre advérbios e expressões adverbiais que veiculam esse aspecto.

A autora postula que tais advérbios e expressões adverbiais contribuem para a marcação de uma das fronteiras do intervalo PTS. Assim, Nespoli (2018) afirma que há duas classes de advérbios/expressões adverbiais de *perfect* semanticamente distintas quanto à marcação da fronteira no intervalo PTS: uma que diz respeito à marcação da fronteira à esquerda, podendo também marcar a fronteira à direita; outra que diz respeito à marcação da fronteira à direita.

Quanto aos advérbios e expressões adverbiais que marcam a fronteira à esquerda ou ambas as fronteiras, Nespoli (2018) afirma que esse grupo veicula *perfect* universal, enquanto os advérbios e expressões adverbiais que marcam apenas a fronteira à direita veiculam *perfect* existencial. O quadro 4 a seguir, extraído de Nespoli (2018, p. 138), apresenta os advérbios e expressões adverbiais associados aos respectivos tipos de *perfect* e fronteiras no intervalo PTS.

Quadro 4 – Fronteiras definidas no intervalo PTS pelos advérbios/expressões adverbiais que ocorrem em contexto de realização de PU e PE.

Advérbio/Expressão adverbial	Fronteira	Tipo de <i>perfect</i>
Sempre/Nunca/Ainda/Até X tempo (no presente)	Esquerda e direita	Universal
Desde X tempo/Há/Faz X tempo/Ultimamente	Esquerda	
Já/Nunca/Ainda não	Direita	Existencial

Fonte: Adaptado de Nespoli (2018, p. 138).

Frente a essas considerações, retomamos que, nesta pesquisa, objetivamos investigar as realizações morfossintáticas de PU, PRes e PEx associados ao tempo passado no PB. Dessa

forma, analisamos as morfologias e os advérbios e expressões adverbiais envolvidos na veiculação desses tipos de *perfect* associados a esse tempo. Para isso, a metodologia adotada neste estudo é descrita no próximo capítulo.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, detalhamos a metodologia adotada na investigação das realizações linguísticas do *perfect* associado ao passado no PB. Ressaltamos que, em todas as etapas metodológicas, foram consideradas apenas as ocorrências de *perfect* associado ao passado no PB expressas no modo indicativo. Na primeira seção, apresentamos o perfil dos participantes desta pesquisa; na segunda seção, discorremos sobre a análise de fala espontânea; e, na última seção, descrevemos os testes desenvolvidos e aplicados.

3.1 PARTICIPANTES

O perfil geral dos participantes, incluindo todas as etapas metodológicas da pesquisa, é de homens e mulheres falantes nativos do português do Brasil. Mais especificamente, eram todos do estado do Rio de Janeiro, com idade entre 18 e 63 anos e ensino superior completo ou incompleto.

Foram aplicadas duas etapas metodológicas, sendo uma de análise de *corpus* e outra de desenvolvimento e aplicação de dois testes linguísticos, descritos ao longo deste capítulo. Vale destacar que os participantes de cada teste eram diferentes, ou seja, aqueles que realizaram o primeiro não realizaram o segundo e vice-versa. No primeiro teste, foram coletadas respostas de 62 participantes e excluídas as respostas de um participante que não atendeu ao comando do experimento ao realizar a tarefa. Portanto, foram consideradas as respostas de 61 participantes no primeiro teste e, no segundo, de 60 participantes. Além disso, destacamos que foram feitas restrições quanto à profissão dos participantes que realizaram os testes a fim de evitar um maior monitoramento linguístico em contexto de teste, de modo que foram aceitos apenas participantes que não fossem da área de Letras.

3.2 ANÁLISE DE FALA ESPONTÂNEA

O primeiro procedimento metodológico adotado consistiu na análise de dados de fala espontânea coletada do *corpus* em desenvolvimento do grupo de pesquisa Biologia da Linguagem. O material contém, ao todo, 5 horas e 18 minutos de fala espontânea transcrita e contempla diálogos (entre duas pessoas) e conversas (entre três pessoas ou mais) de indivíduos do estado do Rio de Janeiro, com ensino superior completo ou incompleto, de 19 a 63 anos. Todas as horas do *corpus* foram analisadas.

Nessa etapa, buscamos verificar as formas verbais utilizadas na veiculação do *perfect*, tanto PU quanto PRes e PEx, associadas ao passado, bem como os advérbios e expressões adverbiais que contribuíam na veiculação desse aspecto.

3.3 TESTES

O segundo procedimento metodológico estabelecido para alcançar o objetivo deste estudo divide-se em duas partes: (i) desenvolvimento e aplicação de um teste de preenchimento de lacunas e (ii) desenvolvimento e aplicação de um teste de seleção de resposta por múltipla escolha. Nas subseções a seguir, descrevemos detalhadamente as tarefas propostas em cada um dos testes e apresentamos os procedimentos adotados na aplicação dos testes.

3.3.1 TESTE DE PREENCHIMENTO DE LACUNAS

De acordo com Chaudron (2003), o teste de preenchimento de lacunas estimula os participantes a colaborarem mais ativamente no experimento. Além disso, esse teste é altamente variado e pode ser construído a partir do estudo de diversos elementos, a depender do que se deseja investigar. Em sua constituição, excluem-se determinados itens e inserem-se lacunas em tais posições com o objetivo de acessar o conhecimento linguístico dos sujeitos a partir do preenchimento dessas lacunas.

Destacamos que esse teste é comumente utilizado para investigar como falantes realizam determinadas noções linguísticas, tendo sido adotado em diferentes estudos que se voltam para a investigação de informações temporo-aspectuais. Em estudos como os de Lopes (2016), Gomes (2019, 2020), Pessôa *et al.* (no prelo) e Machado e Martins (2020), por exemplo, o teste de preenchimento de lacunas foi utilizado como recurso metodológico eficaz para o estudo de morfologias que realizam o aspecto *perfect*, objeto de estudo também deste trabalho.

A partir disso, optamos por utilizar o teste de preenchimento de lacunas para compor parte da metodologia deste estudo. Esse experimento foi aplicado de forma *off-line* e era composto por quatro diálogos, cada um contendo seis lacunas, totalizando 24 lacunas no teste. Dentre o total, havia 8 alvo e 16 distratoras, sendo quatro de PU, duas de PRes e duas de PEx. Todas as sentenças continham um sujeito, um advérbio ou expressão adverbial, uma lacuna na posição verbal e um verbo no infinitivo entre parênteses, podendo, ou não, conter complemento verbal. A partir disso, a tarefa dos participantes era de conjugar o verbo

indicado entre parênteses levando em consideração as informações gramaticais presentes nos outros itens da sentença, como mostra o exemplo em (63). Para isso, deveriam digitar sua resposta em uma caixa de resposta que se encontrava abaixo de cada diálogo.

(63) Bruna, tu não _____ (ACREDITAR) no sonho que eu tive essa noite!

Para a confecção das lacunas-alvo de PU, havia uma expressão adverbial do tipo “de/desde X tempo até X tempo” no início de cada sentença, com o objetivo de estabelecer as fronteiras à esquerda e à direita do intervalo PTS, e o advérbio “ainda”, que tinha por objetivo garantir a leitura de continuidade da situação no segundo ponto do tempo nesse intervalo, como se pode observar nos exemplos em (64) e (65). A escolha desse advérbio foi baseada nos trabalhos de Nespoli (2018) e de Sant’Anna, Martins e Gomes (2019), em que se atesta que tal advérbio contribui para a veiculação de PU.

(64) Desde a festa até vinte anos depois, vocês ainda _____ (ESCREVER) cartas uma pra outra.

(65) Dessa idade até meus 14 anos eu ainda _____ (ANDAR) com rodinhas.

Para a confecção das lacunas-alvo de PRes e de PEx, havia uma oração subordinada adverbial temporal no início de cada sentença, com o objetivo de estabelecer a fronteira à direita do intervalo PTS, e o advérbio “já”, que tinha por objetivo garantir a relevância do evento da fronteira à esquerda na fronteira à direita, ou seja, no segundo ponto do tempo nesse intervalo, como se pode observar nos exemplos em (66) e (67). A escolha desse advérbio foi baseada nos trabalhos de Nespoli (2018) e de Sant’Anna, Martins e Gomes (2019), em que se atesta que tal advérbio contribui para a veiculação de PE.

(66) Quando eu tentei pedir pra ele não comer a última fatia do meu bolo de aniversário, eu vi que ele já _____ (COMER).

(67) Antes de eu vir pra cá hoje, ela já _____ (SAIR) pro trabalho.

Para a confecção das sentenças distratoras, não houve elicitación de *perfect* associado ao passado. Nessas sentenças, a depender do contexto em que se inseriam, havia a veiculação das noções temporo-aspectuais de presente, futuro, passado perfectivo ou passado

imperfectivo, ou não havia a veiculação de quaisquer dessas noções, caso das sentenças infinitivas. Quanto aos advérbios e expressões adverbiais, optamos por variar a presença desses itens: algumas sentenças continham expressões adverbiais temporo-aspectuais, como mostra o exemplo em (68), enquanto outras não as possuíam, como mostra o exemplo em (69).

(68) Nesse dia do tombo, meu pai me deu um pote enorme de açaí pra eu me _____ (SENTIR) bem de novo.

(69) A gente _____ (QUERER) conhecer mais sobre as nossas vidas passadas.

Quanto à disposição das sentenças-alvo e distratoras no teste, organizamos os diálogos de modo que todos os contextos iniciavam com uma sentença distratora. Além disso, as sentenças-alvo encontravam-se sempre separadas entre si por sentenças distratoras ou por partes do diálogo sem lacunas. O teste de preenchimento de lacunas, na íntegra, está disponível no apêndice A, na página 94 desta monografia. Também destacamos que os procedimentos adotados na aplicação do teste serão detalhados na seção 3.3.3.

3.3.2 TESTE DE SELEÇÃO DE RESPOSTA POR MÚLTIPLA ESCOLHA

De acordo com Chaudron (2003), o teste de seleção de resposta por múltipla escolha enquadra-se na macrocategoria de testes de decisão, ou seja, aqueles em que os sujeitos são instruídos a decidir entre as múltiplas opções fornecidas, sejam elas categorias, imagens, sentenças, entre outras. Trabalhos como os de Salaberry e López-Ortega (1998) e de Salaberry (1998) demonstram que tal teste mostra-se eficiente na investigação linguística. Destacamos ainda que, nos estudos de Salaberry e López-Ortega (1998) e de Salaberry (1998), o fenômeno linguístico analisado dizia respeito às categorias de tempo e aspecto, que se relacionam ao objeto de estudo desta pesquisa.

A partir disso, o teste de seleção de resposta por múltipla escolha é o segundo experimento utilizado para compor a metodologia desta monografia. O teste, aplicado de forma *off-line*, era composto por quatro pequenos contextos que abarcavam seis sentenças referentes aos textos anteriormente dados. Dessa forma, para cada contexto, havia uma sentença de PU, uma sentença de PE, sendo ora PRes, ora PEx, e quatro sentenças distratoras.

Além disso, para cada sentença, foram disponibilizadas cinco opções de morfologias verbais para que os participantes selecionassem todas as possíveis para completar a lacuna da

sentença dada. Ao todo, havia 24 sentenças com lacunas no teste, sendo 8 alvo e 16 distratoras. As sentenças alvo dividiam-se em quatro de PU, duas de PRes e duas de PEx. Todas as sentenças continham um sujeito, um advérbio ou expressão adverbial, uma lacuna na posição verbal com um verbo no infinitivo entre parênteses e um complemento verbal. O exemplo em (70), a seguir, ilustra um dos contextos e uma das sentenças distratoras tal como dispostos no teste.

(70) **Contexto 1:** Carminha tomava remédio para pressão alta. Nesse período, mais especificamente em 2005, ela teve uma filha chamada Nina, e, só em 2010, ela interrompeu a medicação.

Antigamente, Carminha _____ (COMPRAR) medicamentos para pressão alta.

- comprou
- tem comprado
- estava comprando
- comprava
- compra

Destacamos que a diferença entre os testes de preenchimento de lacunas e de seleção de resposta por múltipla escolha reside no fato de que, enquanto, no primeiro, os participantes forneciam a morfologia verbal, no segundo, os participantes escolhiam, dentre as morfologias verbais disponíveis, apenas aquelas consideradas possíveis no contexto em que estavam inseridas. Dessa forma, os participantes deveriam selecionar todas as morfologias que considerassem possíveis para o preenchimento das lacunas em questão.

Nesse segundo teste, optamos, portanto, por restringir as opções de morfologias disponíveis abaixo de cada sentença para o preenchimento das lacunas. Para isso, selecionamos cinco formas verbais dentre aquelas obtidas no primeiro teste, o de preenchimento de lacunas, cujos resultados são descritos no próximo capítulo desta monografia. Foram consideradas, então, as morfologias verbais mais utilizadas naquele teste e as que, garantidas pela presença dos advérbios, faziam emergir unicamente *perfect* associado ao passado.

Especificamente quanto às sentenças com lacunas-alvo, assim como no primeiro experimento, foram incluídas informações para salientar a relação entre dois pontos do tempo no passado. Nas sentenças de PU, havia uma oração subordinada adverbial temporal iniciada

por “quando” ou uma expressão adverbial temporal, que marcava a fronteira à direita do intervalo PTS, e os advérbios “sempre” ou “ainda”, para garantir a continuidade da situação iniciada na fronteira à esquerda na fronteira à direita, ou seja, no segundo ponto no tempo. As morfologias disponíveis como opções para preencher as lacunas de PU eram (i) pretérito imperfeito, (ii) pretérito perfeito, (iii) “estar” no pretérito imperfeito + gerúndio, (iv) futuro do pretérito e (v) presente simples, dispostas alternadamente entre as quatro sentenças de PU, como mostram os exemplos em (71) e (72).

(71) Quando Nina nasceu, Carminha sempre _____ (TOMAR) remédio para pressão alta.

- tomava
- tomou
- estava tomando
- tomaria
- toma

(72) Seis anos depois daquela festa, Fábio ainda _____ (NAMORAR) com Ana.

- namora
- namoraria
- estava namorando
- namorou
- namorava

Nas sentenças de PRes, havia uma oração subordinada adverbial temporal iniciada por “quando”, que marcava a fronteira à direita do intervalo PTS, e os advérbios “ainda não”, para uma sentença, e “já”, para outra sentença, para garantir o efeito da situação ocorrida na fronteira à esquerda na fronteira à direita, ou seja, no segundo ponto no tempo. As morfologias disponíveis como opções para preencher todas as lacunas de PRes eram (i) pretérito mais-que-perfeito composto com o auxiliar “ter”, (ii) pretérito mais-que-perfeito composto com o auxiliar “haver”, (iii) pretérito perfeito, (iv) pretérito imperfeito e (v) presente simples, dispostas alternadamente entre as duas sentenças de PRes, como mostram os exemplos em (73) e (74).

(73) Quando o passinho do romano surgiu no Brasil, a indústria musical ainda não _____ (CRIAR) o estilo brega funk.

havia criado

tinha criado

criava

criou

cria

(74) Quando a segunda leva de acerolas cresceu, Pedro já _____ (COMER) a primeira.

comeu

come

havia comido

comia

tinha comido

As sentenças de PEx foram formadas por uma oração subordinada adverbial temporal iniciada por “quando”, que delimitava a fronteira à direita do intervalo PTS, e os advérbios “ainda não”, para uma sentença, e “já”, para outra sentença, para garantir o efeito do evento ocorrido na fronteira à esquerda na fronteira à direita, ou seja, no segundo ponto no tempo. As morfologias disponíveis como opções para preencher todas as lacunas de PEx eram (i) pretérito mais-que-perfeito composto com o auxiliar “ter”, (ii) pretérito mais-que-perfeito composto com o auxiliar “haver”, (iii) pretérito perfeito, (iv) pretérito imperfeito e (v) presente simples, dispostas de maneira alternada entre as duas sentenças de PEx, como mostram os exemplos em (75) e (76).

(75) Quando Fábio olhou o cardápio do casamento semana passada, ele viu que ainda não _____ (PROVAR) a maior parte dos doces.

prova

provou

tinha provado

havia provado

provava

(76) Quando a Nina nasceu, Carminha já _____ (SER) internada com pressão alta uma vez.

será

tinha sido

- era
- foi
- havia sido

Ressaltamos que a escolha dos advérbios “sempre” e “ainda”, utilizados nas sentenças-alvo de PU, e “ainda não” e “já”, utilizados nas sentenças-alvo de PRes e PEx, para garantir a veiculação de *perfect* baseou-se no trabalho de Nespoli (2018), o qual atesta que tais advérbios mostram-se adequados para a veiculação dos tipos de *perfect* universal e existencial, respectivamente.

Dividimos as 16 sentenças distratoras em quatro grupos. Cada grupo continha quatro sentenças distribuídas entre os contextos do teste, a saber: quatro no presente; quatro no passado perfectivo; quatro no passado imperfectivo; e quatro no futuro. Assim, para cada contexto do teste, havia uma sentença de presente, uma sentença de passado perfectivo, uma sentença de passado imperfectivo e uma sentença de futuro, além de uma sentença de PU e uma sentença de PE. Para assegurar a elicitación das informações temporo-aspectuais pretendidas, acrescentamos dois advérbios ou expressões adverbiais distintos para cada grupo de distratoras, de forma que duas sentenças continham um advérbio/expressão adverbial e duas sentenças continham outro advérbio ou expressão adverbial.

Para compor as distratoras de presente, foram utilizados os advérbios “agora” e “atualmente”, bem como as formas verbais de presente simples, “estar” no presente + gerúndio, pretérito imperfecto, pretérito perfeito e futuro do pretérito, como mostram os exemplos em (77) e (78).

(77) Agora, Carminha não _____ (PRECISAR) mais de remédio para pressão alta.

- precisou
- precisa
- está precisando
- precisaria
- precisava

(78) Atualmente, Fábio e sua noiva _____ (PLANEJAR) os detalhes do casamento.

- estão planejando
- planejariam
- planejaram
- planejam

planejavam

Para as distratoras de passado perfectivo, utilizamos o advérbio “ontem” e a expressão adverbial “ano passado”, enquanto as formas verbais apresentadas como opções de resposta eram as de pretérito perfeito, “estar” no presente + gerúndio, “ir” no presente + infinitivo, passado composto e presente simples, como mostram os exemplos em (79) e (80).

(79) Ontem, Pedro _____ (ESQUECER) de regar as plantas.

vai esquecer

esqueceu

está esquecendo

tem esquecido

esquece

(80) Ano passado, os compositores _____ (ESCREVER) um novo hit musical de funk.

escreveram

vão escrever

têm escrito

estão escrevendo

escrevem

Para as distratoras de passado imperfectivo, utilizamos os advérbios “antes” e “antigamente” e as morfologias de pretérito imperfeito, pretérito perfeito, “estar” no pretérito imperfeito + gerúndio, presente simples e passado composto, como mostram os exemplos em (81) e (82).

(81) Antes, os brasileiros _____ (AMAR) o passinho do romano.

têm amado

amaram

amavam

amam

estavam amando

(82) Antigamente, Fábio _____ (ORGANIZAR) muitas festas.

organizou

- organizava
- estava organizando
- tem organizado
- organiza

Para as distratoras de futuro, foram utilizados o advérbio “amanhã” e a expressão adverbial “ano que vem”, além das formas verbais de “ir” no presente + infinitivo, futuro simples, presente simples, pretérito perfeito e “estar” no presente + gerúndio, como mostram os exemplos em (83) e (84).

(83) Amanhã, um jardineiro _____ (PODAR) o jardim de Pedro.

- está podando
- vai podar
- podará
- podou
- poda

(84) Ano que vem, os cantores de funk _____ (DESENVOLVER) um novo passinho.

- desenvolvem
- estão desenvolvendo
- desenvolverão
- vão desenvolver
- desenvolveram

O teste de seleção de resposta por múltipla escolha, na íntegra, está disponível no apêndice B, na página 97 desta monografia. Na próxima seção, serão detalhados os procedimentos adotados no desenvolvimento e na aplicação de ambos os testes linguísticos.

3.3.3 PROCEDIMENTOS

Os testes foram desenvolvidos e aplicados por meio da plataforma eletrônica *Google Forms* e os links para a realização de ambos foram divulgados por meio das redes sociais *Facebook*, *Instagram*, *Whatsapp* e *e-mail*. Antes da realização dos testes, os participantes liam a respeito do modo de realização da tarefa, do caráter voluntário do estudo e do direito de

abandonarem o teste a qualquer momento, caso desejassem. Após a leitura, caso concordassem em participar do estudo, deveriam assinalar uma caixa de texto que servia como uma adaptação de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, disponível para visualização no apêndice C, na página 101 desta monografia, indicando que estavam cientes das explicações anteriormente apresentadas.

Em seguida, os participantes deveriam preencher um questionário pessoal que continha perguntas sobre a cidade onde o sujeito nasceu e vive atualmente, a idade, o gênero, a profissão e o grau de escolaridade de cada sujeito. O questionário exercia uma função central no entendimento do perfil dos participantes da pesquisa, descrito na seção 3.1 deste capítulo, e está disponível para visualização no apêndice D, na página 102 desta monografia.

Após indicarem ciência de sua participação e informarem os dados necessários no questionário pessoal, os participantes realizavam as tarefas específicas de cada teste. Em relação ao teste de preenchimento de lacunas, ressaltamos que a primeira sentença de cada diálogo era distratora. Já em relação ao teste de seleção de respostas por múltipla escolha, destacamos que as sentenças-alvo eram sempre separadas por sentenças distratoras, ou seja, sempre havia, no mínimo, uma sentença distratora entre duas sentenças-alvo. Ao finalizá-las, deveriam apertar o botão “enviar”, sendo finalizado, assim, o processo de aplicação dos testes propostos.

4 RESULTADOS

Neste capítulo, apresentamos os resultados obtidos a partir dos procedimentos metodológicos adotados, ou seja, descrevemos os resultados da etapa de análise de fala espontânea e da etapa de aplicação dos dois testes linguísticos.

4.1 RESULTADOS DA ANÁLISE DE FALA ESPONTÂNEA

A partir da análise de 5 horas e 18 minutos de fala espontânea coletada do *corpus* em desenvolvimento do grupo de pesquisa Biologia da Linguagem, investigamos as realizações morfossintáticas do *perfect* associado ao passado. Com base nos contextos linguísticos analisados, foram contabilizadas, ao todo, 37 ocorrências de *perfect* associado ao passado, sendo 2 ocorrências de PU, 17 ocorrências de PRes e 18 ocorrências de PEx. Além disso, também foram analisados advérbios e expressões adverbiais que contribuía para a veiculação de *perfect* associados às morfologias verbais encontradas.

As duas ocorrências de PU associado ao passado obtidas continham a morfologia verbal de pretérito imperfeito, como indicam os exemplos em (85) e (86).

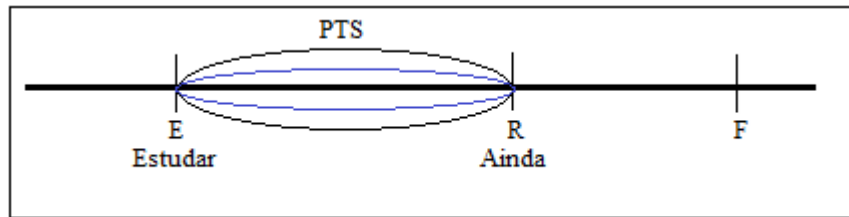
(85) A gente tava... Eu **estudava** no curso de Inglês ainda, aí aula de sexta feira, aula extra.

(86) Ele já **tava** há muitos anos e eles botaram pra... nem sei se o limite aumentou não.

Com relação aos advérbios e expressões adverbiais presentes nas sentenças que veiculavam PU associado ao passado, foi encontrada uma ocorrência do advérbio “ainda” associado à morfologia de pretérito imperfeito, como mostra o exemplo em (85), e uma ocorrência da expressão adverbial “há X tempo” associada à morfologia de pretérito imperfeito, como mostra o exemplo em (86).

Consideramos as ocorrências em (85) e (86) como veiculadoras de PU associado ao passado por as situações relatadas nas sentenças fazerem emergir o intervalo PTS, sendo possível estabelecer a relação de continuidade entre dois pontos no tempo. A figura 5 mostra tal relação a partir do dado presente em (85).

Figura 5 – Representação do intervalo PTS do exemplo em (85).



Nesse exemplo, uma vez que o momento do evento e o momento de referência localizam-se antes do momento da fala (F), pode-se depreender que o intervalo PTS encontra-se no passado. O evento de estudar inicia-se no ponto E (momento do evento), localizado na fronteira à esquerda do intervalo PTS, e sua continuidade até o momento de referência (R) é marcada pelo advérbio “ainda”, na fronteira à direita desse intervalo. Tal persistência de um ponto a outro, sendo ambos anteriores ao momento da fala, garante a interpretação de veiculação de PU associado ao passado.

A partir das análises empreendidas, o gráfico 1 apresenta o resumo dos resultados das realizações morfológicas e dos advérbios e expressões adverbiais utilizados nas sentenças veiculadoras de PU associado ao passado encontrados na etapa de análise de *corpus*.

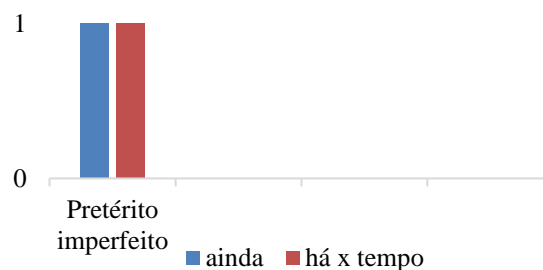


Gráfico 1: Realizações morfossintáticas de PU associado ao passado no *corpus* do grupo de estudos Biologia da Linguagem.

Quanto às 17 ocorrências de PRes, 15 possuíam a morfologia verbal de pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “ter”, como no exemplo em (87), uma continha a perífrase “acabar” no pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “ter” + preposição “de” + infinitivo do verbo principal, como ilustra o exemplo em (88), e uma continha a morfologia de pretérito perfeito, como mostra o exemplo em (89).

(87) Aí, quando eu olhei pra trás, o amigo da Amanda **tinha soltado** ela.

(88) Na verdade a gente já tinha saído do aeroporto, na verdade, **tinha acabado de sair**, mas aí tá com a cabeça quente, né gente?

(89) Aí a gente tipo assim, antes de eu ir pra lá, a gente **fechou** que a gente ia conhecer a Itália, acho que eu tinha te falado [...].

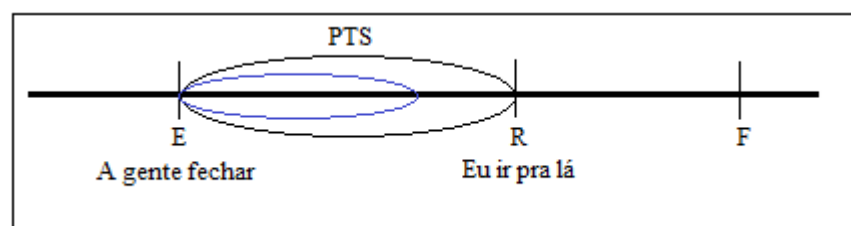
Com relação aos advérbios e expressões adverbiais utilizados nas sentenças que veiculavam PRes, foram encontradas seis ocorrências do advérbio “já” associado à morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “ter”, como mostra o exemplo em (90), e uma ocorrência da expressão adverbial “ainda não” em sua variante “ainda nem”, associada à morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “ter”, como mostra o exemplo em (91). Não houve ocorrências de advérbios e expressões adverbiais associados à perífrase “acabar” no pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “ter” + preposição “de” + infinitivo do verbo principal.

(90) Na verdade a gente **já tinha saído** do aeroporto, na verdade, tinha acabado de sair mas, aí tá com a cabeça quente, né gente?

(91) E Adele **nem tinha lançado** cd dela **ainda** senão eu tava morta em algum lugar aí...

Classificamos tais dados como veiculadores de PRes associado ao passado, uma vez que é possível verificar a relevância da situação ocorrida no primeiro ponto no tempo em um segundo ponto no tempo. Exemplificamos tal relevância presente em todos os dados de PRes associado ao passado a partir da figura 6, que retoma o dado presente em (89).

Figura 6 – Representação do intervalo PTS do exemplo em (89).



Nesse caso, podemos perceber que, tanto o momento do evento (E) quanto o momento de referência (R) ocorrem no passado, já que se localizam antes do momento da fala (F). O evento de “a gente fechar” termina antes do momento de referência, constituído do evento de “eu ir pra lá”, porém, ainda assim, possui efeitos relevantes neste momento. Dessa forma, a relevância de E em R indica que o valor temporo-aspectual veiculado na sentença é o de PE

associado ao passado. Mais especificamente, classificamos tal ocorrência como PRes, uma vez que a relação com outro ponto no passado se dá pela noção de resultatividade do primeiro evento expressa no segundo ponto no tempo.

Nessa direção, o gráfico 2 apresenta o resumo dos resultados das realizações morfológicas e dos advérbios e expressões adverbiais utilizados nas sentenças veiculadoras de PRes associado ao passado encontrados na etapa de análise de *corpus*.

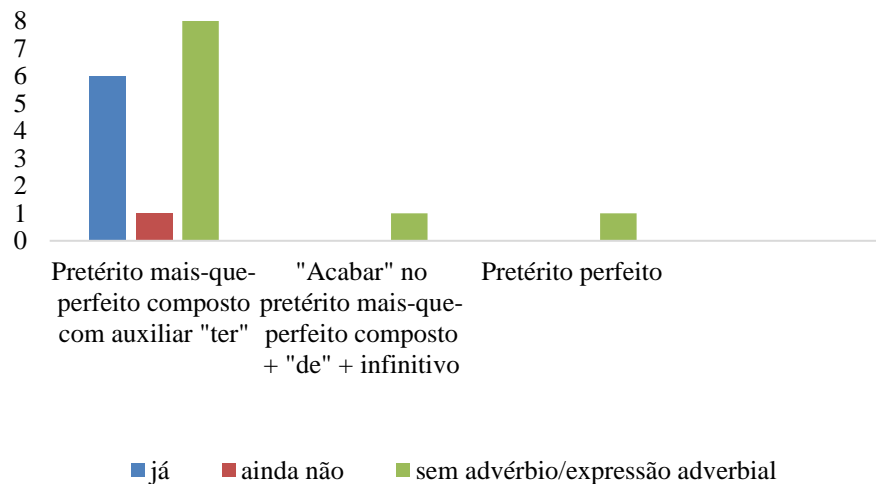


Gráfico 2: Realizações morfosintáticas de PRes associado ao passado no *corpus* do grupo de estudos Biologia da Linguagem.

Todas as 17 ocorrências de PEx foram realizadas pela morfologia verbal de pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “ter”, como no exemplo em (92).

(92) Ela já era amiga do Rodolfo quando ela descobriu que a mãe dela também **tinha sido**.

Com relação aos advérbios e expressões adverbiais utilizados nas sentenças de PEx, foram encontradas quatro ocorrências do advérbio “já”, como mostra o exemplo em (93), e quatro ocorrências do advérbio “nunca”¹⁰, como mostra o exemplo em (94).

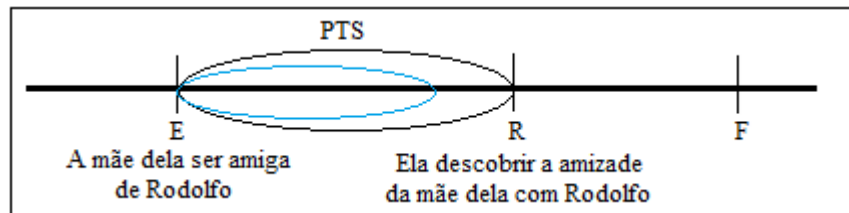
(93) E **já tinha ganho** também uma vez.

¹⁰ Dentre as quatro ocorrências do advérbio “nunca”, uma delas encontrava-se com dupla negação, formando a expressão adverbial “nunca nem”.

(94) A Elke Maravilha quando veio pra cá, ela fala que ela chegou eu acho que em Santos de navio e ela **nunca tinha visto** uma pessoa negra...

Analisamos tais dados como realizações de PEx associado ao passado, já que é possível observar que a relação com outro ponto no passado é atribuída pela noção de experiência do primeiro evento expressa no segundo ponto no tempo, delimitados pela fronteira à esquerda e pela fronteira à direita do intervalo PTS. Exemplificamos tal relação presente em todos os dados a partir da figura 7, que se refere ao dado presente em (92).

Figura 7 – Representação do intervalo PTS do exemplo em (92).



A figura 7 trata-se da representação de um intervalo de tempo no passado, uma vez que o momento do evento (E) e o momento de referência (R) encontram-se antes do momento da fala (F). Além disso, observamos que o término do evento, ou seja, a situação de a mãe ser amiga de Rodolfo, marcado pela fronteira à esquerda, acontece antes do momento de referência, ou seja, o evento de ela descobrir sobre a amizade da mãe dela com Rodolfo, marcado pela fronteira à direita, mas que aquele possui efeitos relevantes neste momento, o que argumenta em favor da interpretação aspectual de PE a essa sentença. Mais especificamente, classificamos tal sentença como veiculadora de PEx, uma vez que a situação de “a mãe de alguém ser amiga de Rodolfo” configura uma experiência no segundo ponto no tempo (R).

O gráfico 3 expõe o resumo dos resultados das realizações morfológicas e dos advérbios e expressões adverbiais utilizados nas sentenças veiculadoras de PRes associado ao passado encontrados na etapa de análise de *corpus*.

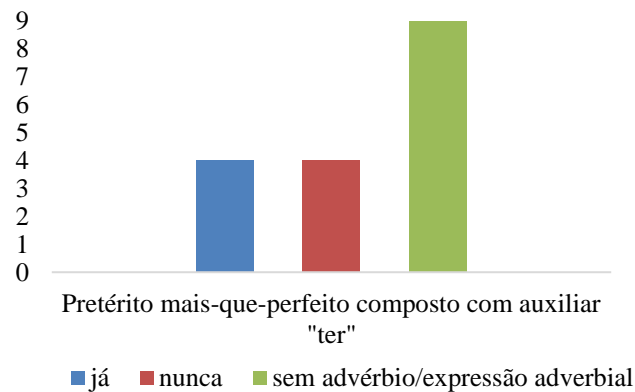


Gráfico 3: Realizações morfosintáticas de PEx associado ao passado no *corpus* do grupo de estudos Biologia da Linguagem.

Na seção seguinte, são apresentados os resultados da segunda etapa metodológica. Inicialmente, são expostos os resultados do teste de preenchimento de lacunas e, em seguida, os resultados do teste de seleção de resposta por múltipla escolha.

4.2 RESULTADOS DO TESTE DE PREENCHIMENTO DE LACUNAS

No teste de preenchimento de lacunas, havia oito lacunas-alvo (quatro de PU, duas de PRes e duas de PEx) completadas por 61 participantes¹¹. Desse modo, ao todo, obtivemos 244 respostas para a condição de PU, 122 respostas para a condição de PRes e 122 respostas para a condição de PEx. Destacamos ainda que as lacunas-alvo de PU estavam acompanhadas do advérbio “ainda”, enquanto as lacunas-alvo de PRes e de PEx, do advérbio “já”.

No que se refere às 244 respostas de PU, em 211 lacunas, foi usada a morfologia de pretérito imperfeito, como em (95); em 1, a morfologia de “estar” no pretérito imperfeito + gerúndio, como em (96); em 1, a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “ter”, como em (97); em 11, a morfologia de presente simples, como em (98); em 16, a morfologia de pretérito perfeito, como em (90); em 3, a morfologia de futuro do pretérito, como em (100); em 1, a morfologia de “ir” no pretérito imperfeito + infinitivo, como em (101).

(95) A melhor parte é que depois disso uma bailarina do Faustão chegava na cozinha

¹¹ Dentre os 62 participantes, excluimos um participante por alterar o verbo solicitado em mais de uma lacuna-alvo, como em “Vejo aqui que, em uma das conversas, quando a Elsa contou que foi pra Alemanha, você disse que já tinha ido (viajar) pra lá”.

pedindo pra gente preparar logo o show dela, porque de 2008 até 2019 ela ainda **dançava** sozinha, mas neste ano de 2020 ela decidiu dançar com convidados.

(96) A melhor parte é que depois disso uma bailarina do Faustão chegava na cozinha pedindo pra gente preparar logo o show dela, porque de 2008 até 2019 ela ainda **estava dançando** sozinha, mas neste ano de 2020 ela decidiu dançar com convidados.

(97) A melhor parte é que depois disso uma bailarina do Faustão chegava na cozinha pedindo pra gente preparar logo o show dela, porque de 2008 até 2019 ela ainda **tinha dançado** sozinha, mas neste ano de 2020 ela decidiu dançar com convidados.

(98) A melhor parte é que depois disso uma bailarina do Faustão chegava na cozinha pedindo pra gente preparar logo o show dela, porque de 2008 até 2019 ela ainda **dança** sozinha, mas neste ano de 2020 ela decidiu dançar com convidados.

(99) A melhor parte é que depois disso uma bailarina do Faustão chegava na cozinha pedindo pra gente preparar logo o show dela, porque de 2008 até 2019 ela ainda **dançou** sozinha, mas neste ano de 2020 ela decidiu dançar com convidados.

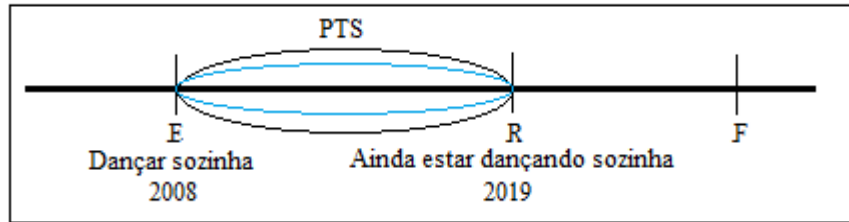
(100) A melhor parte é que depois disso uma bailarina do Faustão chegava na cozinha pedindo pra gente preparar logo o show dela, porque de 2008 até 2019 ela ainda **dançaria** sozinha, mas neste ano de 2020 ela decidiu dançar com convidados.

(101) A melhor parte é que depois disso uma bailarina do Faustão chegava na cozinha pedindo pra gente preparar logo o show dela, porque de 2008 até 2019 ela ainda **ia dançar** sozinha, mas neste ano de 2020 ela decidiu dançar com convidados.

A partir deste ponto no texto, empreendemos um conjunto de análises para verificar quais das morfologias expostas nos exemplos acima realmente atuam na veiculação de PU associado ao passado.

No que diz respeito às sentenças exemplificadas em (95) e (96), formuladas a partir das morfologias de pretérito imperfeito e “estar” no pretérito imperfeito + gerúndio, entendemos que há veiculação da combinação temporo-aspectual investigada, como pode ser observado na representação do intervalo PTS formulado a partir da sentença contida no exemplo em (95), disponível na figura 8 a seguir.

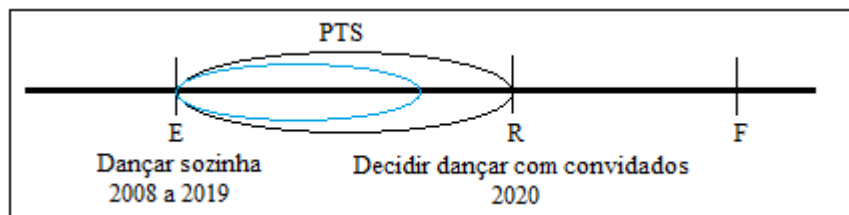
Figura 8 – Representação do intervalo PTS do exemplo em (95).



Na figura 8, observamos que a situação enquadra-se no tempo passado, uma vez que tanto o ponto E quanto o ponto R encontram-se antes do ponto F. Observamos ainda que o evento de “dançar sozinha” inicia-se no ponto E, localizado na fronteira à esquerda do intervalo PTS e se estende até o ponto R, localizado na fronteira à direita, marcado pelo advérbio “ainda” e pela expressão adverbial “até 2019”. A persistência de um evento de um ponto a outro no intervalo PTS, sendo ambos anteriores ao momento da fala, caracteriza o PU associado ao passado. Dessa forma, observamos que as morfologias de pretérito imperfeito e de “estar” no pretérito imperfeito + gerúndio, parecem realizar essa combinação temporo-aspectual.

Em outra direção, a sentença exposta em (97), com a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “ter”, foi analisada como veiculadora de PEx associado ao passado, como mostra a figura 9, a seguir.

Figura 9 – Representação do intervalo PTS do exemplo em (97).

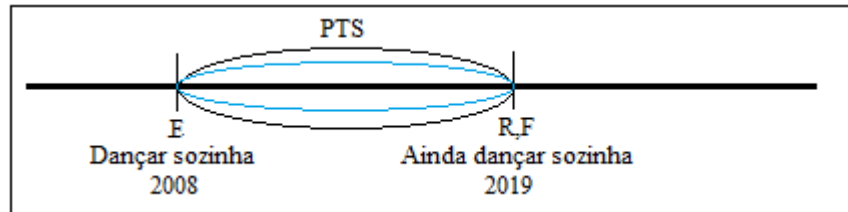


Como mostra a figura 9, o evento se passa no passado, já que o ponto E e o ponto R encontram-se antes do ponto F. Além disso, o evento de “dançar sozinha” inicia-se em no ponto E, localizado na fronteira à esquerda do intervalo PTS, marcado pelo período “entre os anos de 2008 e 2019”, e se finaliza antes do ponto R, localizado na fronteira à direita, marcado pelo ano de “2020”, apresentando relevância neste ponto, o que caracteriza a veiculação de PEx associado ao passado. Destacamos ainda que esse valor temporo-aspectual atribuído à sentença pode ser decorrente de uma reinterpretação de “ainda”, que é entendido aqui como um conector aditivo, com significado similar ao de “inclusive”.

As sentenças com a morfologia de presente simples, exemplificadas em (98), foram

interpretadas como veiculadoras de PU associado ao presente, como demonstra o exemplo presente na figura 10.

Figura 10 – Representação do intervalo PTS do exemplo em (98).



Interpretamos que, na sentença em (98), a situação de dançar sozinha inicia-se em um ponto no tempo passado, no ponto E, e persiste até outro ponto, o ponto R, o que caracteriza PU. Interpretamos que, ao utilizar a forma de presente simples, o participante se transporta para o ponto no tempo marcado pelo ano de 2019 e indica que o evento de “dançar sozinha” continua nesse ponto de referência, que, nesse caso, coincide com o momento presente para o qual o falante se transporta (ponto F). Assim, tal interpretação caracteriza PU associado ao presente.

A sentença exemplificada em (99), com a morfologia de pretérito perfeito, veicula apenas passado perfectivo, assim, não estabelece um intervalo PTS marcado por dois pontos na linha do tempo. Nesse caso, portanto, o evento de “dançar sozinha” é descrito enquanto um bloco fechado que se dá no período de tempo entre 2008 e 2019, antes do momento da fala e, portanto, no passado. Em outras palavras, os informantes que se utilizaram dessa forma verbal não focalizaram a continuidade do evento de uma fronteira até a outra, como pretendíamos elicitar através do uso do advérbio “ainda”. Logo, acreditamos que, assim como na análise do exemplo em (97), a forma “ainda” sofreu reinterpretação, ou seja, diferentemente do advérbio “ainda” que garante a veiculação de PU, o valor semântico que se ressalta é de palavra denotativa de inclusão, podendo ser substituída pela forma “inclusive”.

As sentenças presentes em (100) e (101), com as morfologias de futuro do pretérito e de “ir” no pretérito imperfeito + infinitivo, não veiculam *perfect*; as sentenças expressam situações em um mundo possível, configurando a abertura de uma linha do tempo alternativa. Interpretamos que o uso dessas formas verbais pode ter sido motivado pelo fato de, nesse trecho do diálogo, a personagem estar relatando um sonho que havia tido e, portanto, acontecimentos que poderiam vir a acontecer em um mundo possível.

Quanto às 122 respostas de PRes, consideramos apenas 116 delas¹². Em 88 lacunas, foi usada a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “ter”, como em (102); em 14, a morfologia de pretérito perfeito, como em (103); em 7, a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “haver”, como em (104); em 3, a morfologia de pretérito mais-que-perfeito simples, como em (105), em 3, a morfologia de pretérito imperfeito, como em (106) e, em 1 lacuna, a morfologia de presente simples, como em (107).

(102) Quando eu tentei pedir pra ele não comer a última fatia do meu bolo de aniversário, eu vi que ele já **tinha comido**.

(103) Quando eu tentei pedir pra ele não comer a última fatia do meu bolo de aniversário, eu vi que ele já **comeu**.

(104) Quando eu tentei pedir pra ele não comer a última fatia do meu bolo de aniversário, eu vi que ele já **havia comido**.

(105) Antes de eu vir pra cá hoje, ela já **saíra** pro trabalho.

(106) Antes de eu vir pra cá hoje, ela já **saía** pro trabalho.

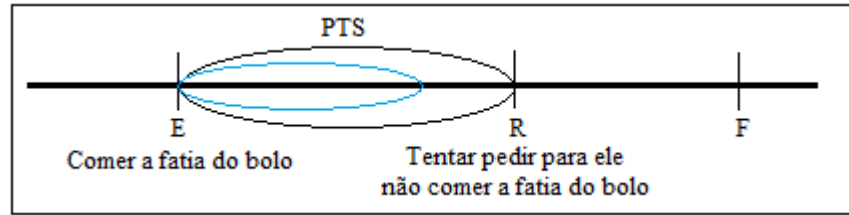
(107) Antes de eu vir pra cá hoje, ela já **sai** pro trabalho.

A partir deste ponto no texto, empreendemos um conjunto de análises para verificar quais das morfologias expostas nos exemplos acima realmente atuam na veiculação de PRes associado ao passado.

Os exemplos em (102), (103), (104) e (105), com as morfologias de pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “ter”, pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “haver” e pretérito mais-que-perfeito simples, foram entendidas como veiculadoras de PRes associado ao passado. Na figura 11, a seguir, apresentamos uma esquematização do intervalo PTS a partir do exemplo em (102).

Figura 11 – Representação do intervalo PTS do exemplo em (102).

¹² Seis respostas foram excluídas devido ao fato de os participantes terem preenchido a lacuna de modo a produzir sentenças agramaticais, como em “*Antes de eu vir pra cá hoje, ela já **saiste** (sair) pro trabalho” e “*Quando eu tentei pedir pra ele não comer a última fatia do meu bolo de aniversário, eu vi que ele já **comido** (comer)”.

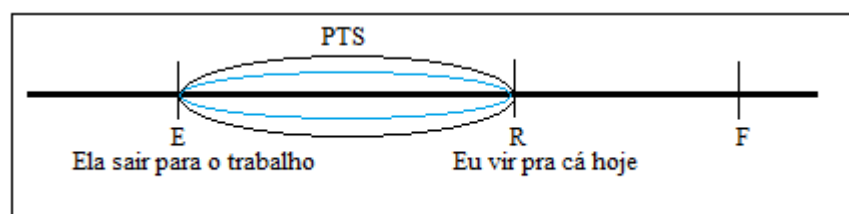


Observando a figura 11 acima, percebemos que a situação ocorre no passado, uma vez que o momento do evento e o momento de referência localizam-se antes do momento da fala. O momento do evento, marcado pela fronteira à esquerda, no ponto E, termina antes do momento de referência, marcado pela fronteira à direita, no ponto R. Porém, a relevância do evento daquele ponto mostra-se presente neste, o que caracteriza PE associado ao passado. Mais especificamente, classificamos tais dados como veiculadores de PRes, posto que o evento em questão, “comer a fatia do bolo”, origina um estado resultante de uma situação passada, ou seja, entende-se que o bolo está comido no ponto R.

Também é preciso ressaltar o papel do advérbio “já”, no exemplo em (103). Destacamos que, na sentença exposta em (103), o advérbio em questão marca os efeitos do resultado do evento de comer a fatia do bolo na fronteira à direita e isso ocorre, especialmente, quando tal evento é realizado por uma morfologia não prototípica de PE associado ao passado.

Por outro lado, o exemplo em (106), que contém a morfologia de pretérito imperfeito, abre margem para duas interpretações. A primeira é de que o evento de “sair para o trabalho” possa estender-se até o momento de referência, veiculando, nesse caso, PU associado ao passado, uma vez que os pontos E e R encontram-se antes do ponto F, como mostra o intervalo PTS na figura 12. Tal interpretação sustenta-se devido à presença do advérbio “já” na sentença, o qual pode marcar a fronteira à direita do intervalo PTS, como já postulado por Nespoli (2018) em relação ao PE, e garantir a persistência do evento na fronteira à direita desse intervalo.

Figura 12 – Representação do intervalo PTS do exemplo em (106).



A segunda interpretação é de que o evento de “sair para o trabalho” veicule apenas aspecto imperfectivo contínuo, como em “Ela estava saindo para o trabalho”, em que há destaque para o desenrolar da situação em um dado ponto no tempo. Nessa direção, no caso do exemplo em (104), no ponto anterior à situação de “eu vir pra cá hoje”, o evento de “ela sair para o trabalho” estava acontecendo. O advérbio “já”, nesse contexto, não relaciona dois pontos no tempo, mas reforça que a situação de “ela sair para o trabalho” estava acontecendo e se realizou apenas no momento do evento de “eu vir pra cá”. Seguindo essa interpretação, o advérbio “já” teria o mesmo sentido de um advérbio como “finalmente”, por exemplo.

No entanto, ainda que ambas as leituras expostas sejam possíveis, os dados com a morfologia de pretérito imperfeito associada ao advérbio “já” merecem mais investigação. Dessa forma, as 3 ocorrências obtidas com tal morfologia não foram contabilizadas neste trabalho como veiculadoras de *perfect*, pelo fato de não ter sido possível garantir a primeira interpretação.

No que se refere ao exemplo em (107), com uso da morfologia de presente simples, analisamos que tal sentença não veicula *perfect*, seja PU, PRes ou PEx, uma vez que não estabelece um intervalo PTS marcado por dois pontos na linha do tempo. Nesse caso, argumentamos que a noção aspectual veiculada seja de imperfectivo habitual associado ao presente.

Dentre as 122 respostas de PEx, consideramos apenas 119 delas¹³. Em 81 lacunas, foi usada a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “ter”, como em (108); em 8, a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “haver”, como em (109); em 2, a morfologia de pretérito mais-que-perfeito simples, como em (110); em 23, a morfologia de pretérito perfeito, como em (111); e, em 5, a morfologia de pretérito imperfeito, como em (112).

(108) Menina, tu não sabia que, quando a Dona Leopoldina chegou no Brasil, o Dom Pedro já **tinha engravidado** várias mulheres?!

(109) Menina, tu não sabia que, quando a Dona Leopoldina chegou no Brasil, o Dom Pedro já **havia engravidado** várias mulheres?!

(110) Vejo aqui que, em uma das conversas, quando a Elsa contou que foi pra

¹³ Três respostas foram excluídas devido ao fato de os participantes terem preenchido a lacuna de modo a produzir sentenças agramaticais, como em “*Menina, tu não sabia que, quando a Dona Leopoldina chegou no Brasil, o Dom Pedro já engravidaste (engravidar) várias mulheres?!” e “*Menina, tu não sabia que, quando a Dona Leopoldina chegou no Brasil, o Dom Pedro já engravidando (engravidar) várias mulheres?!”.

Alemanha, você disse que já **viajara** pra lá.

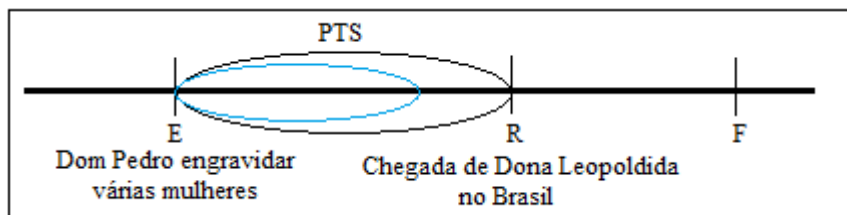
(111) Menina, tu não sabia que, quando a Dona Leopoldina chegou no Brasil, o Dom Pedro já **engravidou** várias mulheres?!

(112) Vejo aqui que, em uma das conversas, quando a Elsa contou que foi pra Alemanha, você disse que já **viajava** pra lá.

A partir deste ponto no texto, empreendemos um conjunto de análises para verificar quais das morfologias expostas nos exemplos acima realmente atuam na veiculação de PEx associado ao passado.

Com base nos dados dispostos acima, analisamos que as sentenças expostas em (108), (109), (110) e em (111), com as morfologias de pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “ter”, pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “haver”, pretérito mais-que-perfeito simples e pretérito perfeito, estão a serviço de PEx associado ao passado. A figura 13, que retoma o exemplo em (108), demonstra a análise empreendida.

Figura 13 – Representação do intervalo PTS do exemplo em (108).

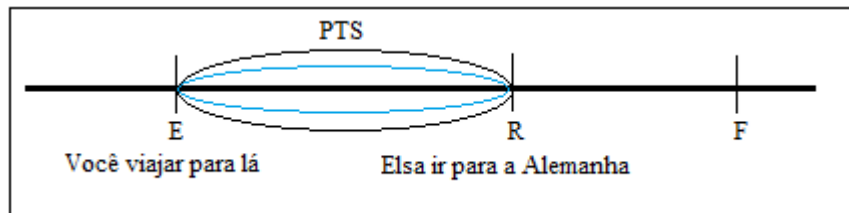


Observamos que a situação representada pela figura 13 insere-se no passado, uma vez que as duas fronteiras do intervalo PTS são marcadas por pontos localizados antes do momento da fala (F). O momento do evento (E) é iniciado e finalizado antes do momento de referência (R) e, ainda assim, possui efeitos relevantes neste ponto. Logo, atestamos a realização de PE associado ao passado. Mais especificamente, classificamos tais dados como veiculadores de PEx devido ao fato de os eventos referentes a Dom Pedro ter engravidado várias mulheres produzirem uma experiência que permanece no momento da chegada de Dona Leopoldina no Brasil. Vale ressaltar que, no exemplo em (111), contendo a morfologia de pretérito perfeito, a interpretação da sentença como veiculadora de PEx é garantida pela presença do advérbio “já”, uma vez que tal advérbio reforça que a experiência do evento de “engravidar várias mulheres” permanece na fronteira à direita.

A sentença apresentada em (112), com a morfologia de pretérito imperfeito, oferece

duas interpretações. A primeira é de que o evento de “viajar pra lá” possa estender-se até o momento de referência, veiculando PU associado ao passado, uma vez que os pontos E e R encontram-se antes do ponto F, como mostra o intervalo PTS na figura 14. Tal leitura se dá devido à presença do advérbio “já” na sentença, o qual pode marcar a fronteira à direita do intervalo PTS e garantir a persistência do evento na fronteira à direita desse intervalo.

Figura 14 – Representação do intervalo PTS do exemplo em (112).



A segunda interpretação é de que a sentença em (112) não veicula *perfect*, mas o aspecto imperfectivo habitual. Nesse caso, a leitura que se faz é que o evento de “viajar pra lá” configura uma habitualidade. Esse aspecto é usado para a expressão de uma situação característica de um período de tempo estendido e, nesse caso, a ideia pretendida pelo falante equivaleria a uma sentença como “Vejo aqui que, em uma das conversas, quando a Elsa contou que foi pra Alemanha, você disse que já tinha o hábito de viajar pra lá”.

Devido ao fato de a leitura sugerida na primeira interpretação da sentença em (112) não poder ser garantida com veemência, as 5 ocorrências da morfologia de pretérito imperfeito em sentenças com o advérbio “já” não foram contabilizadas neste trabalho como veiculadoras de *perfect*. Reiteramos, porém, que dados com essa morfologia associada ao advérbio “já” merecem mais investigação.

A partir das interpretações empreendidas sobre as respostas obtidas no teste de preenchimento de lacunas, resumimos nos parágrafos a seguir as morfologias veiculadoras de PU, PRes e PEx.

Assim, em 212 respostas, o PU associado ao passado foi veiculado. Desse total, 211 respostas se deram com a morfologia de pretérito imperfeito, o que corresponde a 99,5% dos dados, e 1 resposta se deu com a morfologia de “estar” no pretérito imperfeito + gerúndio, o que corresponde a 0,5% dos dados, como ilustra o gráfico 4 a seguir.

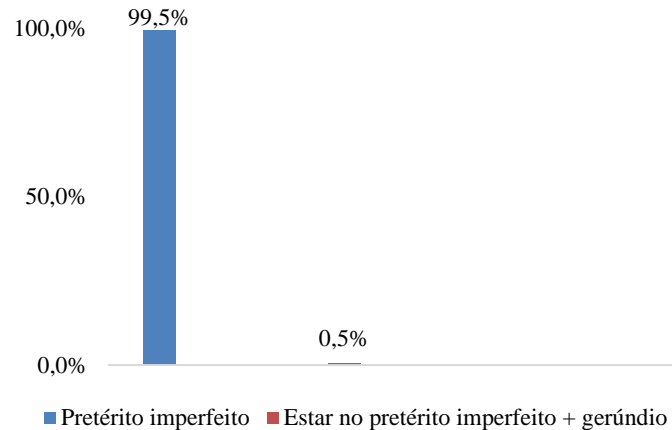


Gráfico 4: Realizações morfológicas de PU associado ao passado no teste de preenchimento de lacunas.

Com relação aos dados de PRes associado ao passado, contabilizamos um total de 112 ocorrências. Dentre tais dados, 88 respostas se deram com a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “ter”, o que corresponde a 78,6% dos dados; 14 respostas se deram com a morfologia de pretérito perfeito, o que corresponde a 12,5% dos dados; 7 respostas se deram com a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “haver”, o que corresponde a 6,2% dos dados; e 3 respostas se deram com a morfologia de pretérito mais-que-perfeito simples, o que corresponde a 2,7% dos dados. O gráfico 5 expõe o resumo das realizações morfológicas de PRes obtidas no teste de preenchimento de lacunas.

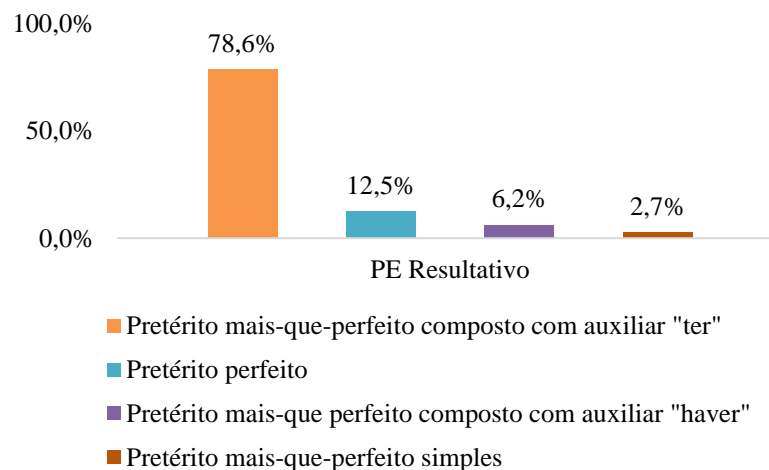


Gráfico 5: Realizações morfológicas de PRes associado ao passado no teste de preenchimento de lacunas.

No que se refere aos dados de PEx associado ao passado, obtivemos um total de 114 ocorrências. Desse total, 81 respostas se deram com a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “ter”, o que corresponde a 71% dos dados; 23 respostas se

deram com a morfologia de pretérito perfeito, o que corresponde a 20,2% dos dados; 8 respostas se deram com a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “haver”, o que corresponde a 7% dos dados; e 2 respostas se deram com a morfologia de pretérito mais-que-perfeito simples, o que corresponde a 1,8% dos dados. O gráfico 6 expõe o resumo das realizações morfológicas de PEx obtidas no teste de preenchimento de lacunas.

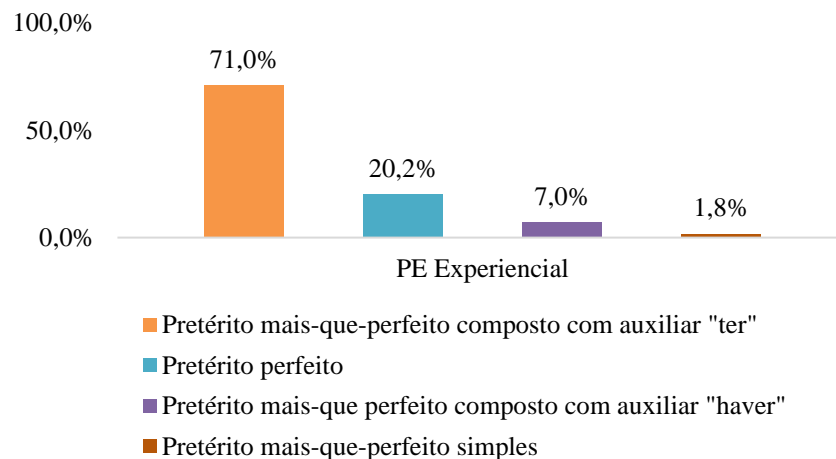


Gráfico 6: Realizações morfológicas de PEx associado ao passado no teste de preenchimento de lacunas.

A próxima seção apresenta os resultados de PU, de PRes e de PEx obtidos no teste de seleção de resposta por múltipla escolha.

4.3 RESULTADOS DO TESTE DE SELEÇÃO DE RESPOSTA POR MÚLTIPLA ESCOLHA

Com relação à composição do teste de seleção de resposta por múltipla escolha, como explicitado no capítulo anterior, havia quatro lacunas de PU e duas de PRes e duas de PEx, além de 16 lacunas distratoras. A tarefa consistia em escolher, entre as cinco opções de resposta fornecidas, as possíveis para completar a lacuna.

No que se refere às opções de morfologias de PU, estavam dispostas as morfologias de pretérito imperfeito, pretérito perfeito, “estar” no pretérito imperfeito + gerúndio, futuro do pretérito e presente simples. Quanto às opções de morfologias dos dois tipos de PE, foram oferecidas as de pretérito mais-que-perfeito com auxiliar “ter”, pretérito mais-que-perfeito com auxiliar “haver”, pretérito perfeito, pretérito imperfeito e presente simples.

Levando em consideração que o teste foi aplicado a 60 participantes, havendo quatro lacunas de PU, duas de PRes e duas de PEx, cada morfologia de PU poderia ser marcada até 240 vezes, cada morfologia de PRes, até 120 vezes, e cada morfologia de PEx, até 120 vezes.

As lacunas de PU dividiam-se em dois grupos caracterizados pelo uso de advérbios diferentes, sendo eles “sempre” e “ainda”. Dessa forma, cada morfologia combinada com “sempre” poderia ser marcada até 120 vezes e cada morfologia combinada com “ainda” poderia ser marcada também até esse mesmo número máximo.

Nas lacunas em que havia o uso do advérbio “sempre”, o pretérito imperfeito foi marcado 91 vezes, como em (113), o pretérito perfeito foi marcado 27 vezes, como em (114), a perífrase “estar” no pretérito imperfeito + gerúndio foi marcada 24 vezes, como em (115), o futuro do pretérito foi marcado 2 vezes, como em (116), e o presente simples foi marcado 1 vez, como em (117).

(113) Quando Nina nasceu, Carminha sempre **tomava** remédio para pressão alta.

(114) Quando Nina nasceu, Carminha sempre **tomou** remédio para pressão alta.

(115) Quando Pedro montou a horta, ele sempre **estava semeando** girassóis.

(116) Quando Pedro montou a horta, ele sempre **semearia** girassóis.

(117) Quando Pedro montou a horta, ele sempre **semeia** girassóis.

Nas lacunas em que havia o uso do advérbio “ainda”, o pretérito imperfeito foi marcado 74 vezes, como em (118), a perífrase “estar” no pretérito imperfeito + gerúndio foi marcada 57 vezes, como em (119), o presente simples foi marcado 38 vezes, como em (120), o pretérito perfeito foi marcado 4 vezes, como em (121), e o futuro do pretérito foi marcado 3 vezes, como em (122).

(118) Quando o brega funk surgiu, o passinho do romano ainda **fazia** sucesso no Brasil.

(119) Quando o brega funk surgiu, o passinho do romano ainda **estava fazendo** sucesso no Brasil.

(120) Seis anos depois daquela festa, Fábio ainda **namora** com Ana.

(121) Seis anos depois daquela festa, Fábio ainda **namorou** com Ana.

(122) Seis anos depois daquela festa, Fábio ainda **namoraria** com Ana.

Com base nos dados dispostos acima, analisamos que as sentenças expostas em (113), (115), (118) e (119), com o pretérito imperfeito e a perífrase “estar” no pretérito imperfeito + gerúndio, estão a serviço de PU associado ao passado. Por outro lado, analisamos que as sentenças presentes em (114), (116), (117), (120), (121) e (122), com o presente simples, o

pretérito perfeito e o futuro do pretérito, não veiculam PU associado ao passado. Destacamos que as razões para tais interpretações são as mesmas que as oferecidas na seção 4.2.

Apresentamos, no gráfico 7, a seguir, um resumo das combinações de morfologias com os advérbios “sempre” e “ainda” obtidas no teste de seleção de resposta por múltipla escolha que foram interpretadas como veiculadoras de PU.

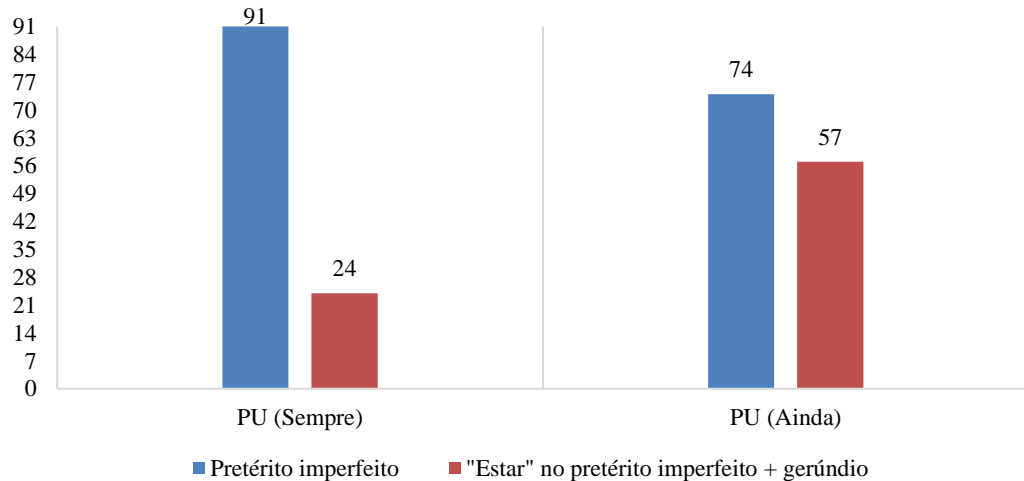


Gráfico 7: Realizações morfossintáticas de PU associado ao passado no teste de seleção de resposta por múltipla escolha.

As lacunas de PRes dividiam-se em dois grupos caracterizados pelo uso de advérbios/expressões adverbiais diferentes, sendo eles “ainda não” e “já”. Dessa forma, cada morfologia combinada com “ainda não” poderia ser marcada até 60 vezes e cada morfologia combinada com “já” poderia ser marcada também até esse mesmo número máximo.

Nas lacunas em que havia o uso da expressão adverbial “ainda não”, o pretérito mais-que-perfeito com auxiliar “haver” foi marcado 51 vezes, como em (123), e o pretérito mais-que-perfeito com auxiliar “ter” foi marcado 40 vezes, como em (124). As morfologias de pretérito perfeito, pretérito imperfeito e presente simples não foram selecionadas por nenhum participante.

(123) Quando o passinho do romano surgiu no Brasil, a indústria musical ainda não **havia criado** o estilo brega funk.

(124) Quando o passinho do romano surgiu no Brasil, a indústria musical ainda não **tinha criado** o estilo brega funk.

Nas lacunas em que havia o uso do advérbio “já”, o pretérito mais-que-perfeito com

auxiliar “haver” foi marcado 46 vezes, como em (125), o pretérito mais-que-perfeito com auxiliar “ter” foi marcado 37 vezes, como em (126), o pretérito imperfeito foi marcado 6 vezes, como em (127), e o pretérito perfeito foi marcado 4 vezes, como em (128). A morfologia de presente simples não foi selecionada por nenhum participante.

(125) Quando a segunda leva de acerolas cresceu, Pedro já **havia comido** a primeira.

(126) Quando a segunda leva de acerolas cresceu, Pedro já **tinha comido** a primeira.

(127) Quando a segunda leva de acerolas cresceu, Pedro já **comia** a primeira.

(128) Quando a segunda leva de acerolas cresceu, Pedro já **comeu** a primeira.

Destacamos que as morfologias de pretérito mais-que-perfeito com auxiliar “haver”, pretérito mais-que-perfeito com auxiliar “ter” e pretérito perfeito, selecionadas como opções de resposta para a veiculação de PRes nesse teste, são, de fato, morfologias veiculadoras desse tipo de *perfect*, tal como interpretamos na seção 4.2. No entanto, acreditamos que a forma verbal de pretérito imperfeito, exposta em (127), não veicula PRes associado ao passado, mas abre margem para a leitura de PU associado ao passado e de imperfectivo contínuo, assim como já discutido na seção 4.2. Para os dados deste teste, a segunda interpretação é balizada também pelo fato de não haver seleção dessa morfologia em sentenças com a expressão adverbial “ainda não”, que não favorece a veiculação do aspecto imperfectivo contínuo. Contudo, ressaltamos que, devido à impossibilidade de assegurar a veiculação de *perfect*, os 6 dados de pretérito imperfeito exemplificados em (127) não foram contabilizados como veiculadores desse aspecto.

Apresentamos, no gráfico 8, a seguir, um resumo das combinações de morfologias de PRes com a expressão adverbial “ainda não” e o advérbio “já” obtidas no teste de seleção de resposta por múltipla escolha que foram interpretadas como veiculadoras de PRes.

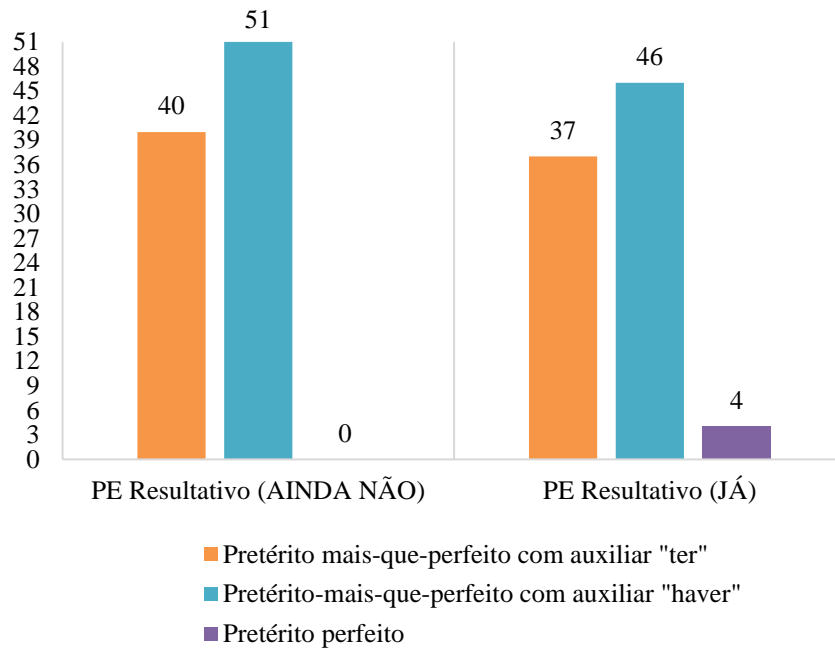


Gráfico 8: Realizações morfosintáticas de PRes associado ao passado no teste de seleção de resposta por múltipla escolha.

As lacunas de PEx dividiam-se em dois grupos caracterizados pelo uso de advérbios/expressões adverbiais diferentes, sendo eles “ainda não” e “já”. Dessa forma, cada morfologia combinada com “ainda não” poderia ser marcada até 60 vezes e cada morfologia combinada com “já” poderia ser marcada também até esse mesmo número máximo.

Nas lacunas em que havia o uso da expressão adverbial “ainda não”, o pretérito mais-que-perfeito com auxiliar “haver” foi marcado 39 vezes, como em (129), o pretérito mais-que-perfeito com auxiliar “ter” foi marcado 39 vezes, como em (130), e o pretérito perfeito foi marcado 22 vezes, como em (131). As morfologias de pretérito imperfeito e presente simples não foram selecionadas por nenhum participante.

(129) Quando Fábio olhou o cardápio do casamento semana passada, ele viu que ainda não **havia provado** a maior parte dos doces.

(130) Quando Fábio olhou o cardápio do casamento semana passada, ele viu que ainda não **tinha provado** a maior parte dos doces.

(131) Quando Fábio olhou o cardápio do casamento semana passada, ele viu que ainda não **provou** a maior parte dos doces.

Nas lacunas em que havia o uso do advérbio “já”, o pretérito mais-que-perfeito com auxiliar “haver” foi marcado 42 vezes, como em (132), o pretérito mais-que-perfeito com

auxiliar “ter” foi marcado 43 vezes, como em (133), e o pretérito perfeito foi marcado 10 vezes, como em (134). As morfologias de pretérito imperfeito e presente simples não foram selecionadas por nenhum participante.

(132) Quando a Nina nasceu, Carminha já **havia sido** internada com pressão alta uma vez.

(133) Quando a Nina nasceu, Carminha já **tinha sido** internada com pressão alta uma vez.

(134) Quando a Nina nasceu, Carminha já **foi** internada com pressão alta uma vez.

Destacamos que todas as morfologias selecionadas como veiculadoras de PEx, o pretérito mais-que-perfeito com auxiliar “haver”, o pretérito mais-que-perfeito com auxiliar “ter” e o pretérito perfeito, no teste de seleção de resposta por múltipla escolha, de fato veiculavam PEx, tal como argumentado acerca dessas morfologias na seção 4.2.

Apresentamos, no gráfico 9, a seguir, um resumo das combinações de morfologias de PEx com a expressão adverbial “ainda não” e o advérbio “já” obtidas no teste de seleção de resposta por múltipla escolha.

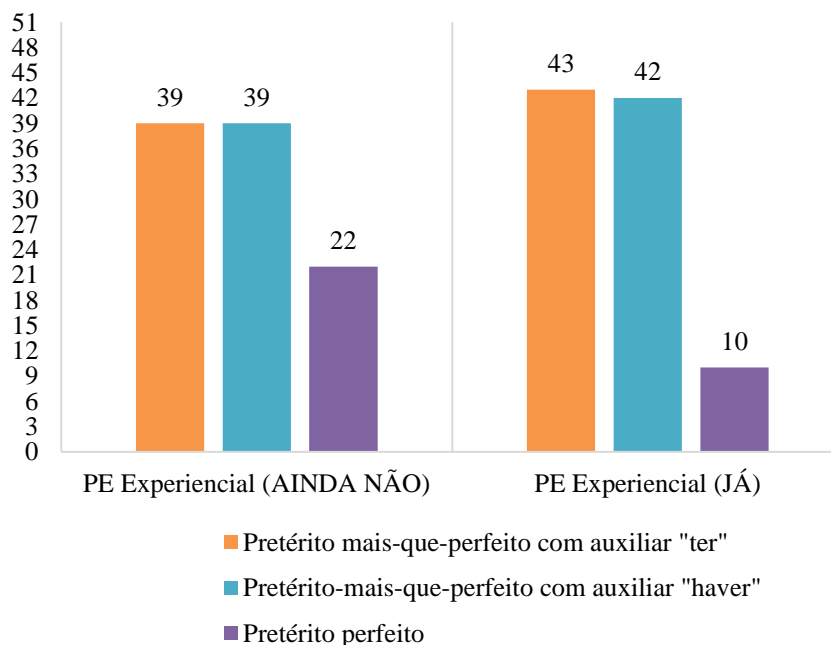


Gráfico 9: Realizações morfossintáticas de PEx associado ao passado no teste de seleção de resposta por múltipla escolha.

Na próxima seção, vemos o resumo dos resultados encontrados na etapa de análise de

fala espontânea e na etapa de testes linguísticos.

4.4 RESUMO DAS MORFOLOGIAS VEICULADORAS DE PU, PRes E PEx

Baseando-nos nos resultados obtidos na análise de fala espontânea, no teste de preenchimento de lacunas e no teste de seleção de resposta por múltipla escolha, apresentamos, nesta seção, um resumo das morfologias veiculadoras de PU, PRes e PEx associados ao passado no PB.

No que se refere ao PU, verificamos, na etapa de análise de fala espontânea, que apenas a morfologia de pretérito imperfeito foi utilizada como veiculadora desse tipo de *perfect*. Por outro lado, nos dois testes linguísticos, além da morfologia de pretérito imperfeito, a perífrase formada por “estar” no pretérito imperfeito + gerúndio também se mostrou a serviço do PU.

No que tange ao PRes, verificamos, na etapa de análise de fala espontânea, que as morfologias de pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliar “ter”), pretérito perfeito e a perífrase formada por “acabar” no pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliar “ter”) + “de” + infinitivo veiculavam esse tipo de *perfect*. No teste de preenchimento de lacunas, interpretamos que as morfologias de pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliares “ter” e “haver”), pretérito mais-que-perfeito simples e pretérito perfeito eram veiculadoras de PRes. Por fim, no teste de seleção de resposta por múltipla escolha, argumentamos que as morfologias de pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliares “ter” e “haver”) e pretérito perfeito veiculavam esse tipo de *perfect*.

Em relação ao PEx, na etapa de análise de fala espontânea, apenas a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliar “ter”) foi encontrada veiculando esse tipo de *perfect*. No teste de preenchimento de lacunas e no teste de seleção de resposta por múltipla escolha, analisamos que as morfologias de pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliares “ter” e “haver”) e pretérito perfeito estavam a serviço do PEx. Além disso, a morfologia de pretérito mais-que-perfeito simples, obtida apenas no teste de preenchimento de lacunas, também veiculava esse tipo de *perfect*.

Por fim, o quadro 5, a seguir, apresenta uma síntese das morfologias encontradas na análise de fala espontânea, no teste de preenchimento de lacunas e no teste de seleção de respostas por múltipla escolha.

Quadro 5: Síntese das morfologias encontradas para realização de PU, PRes e PEx associados ao passado na

análise de fala espontânea e nos testes linguísticos.

	<i>Corpus</i>	<i>Teste de preenchimento de lacunas</i>	<i>Teste de seleção de respostas por múltipla escolha</i>
Morfologias de PU	Pretérito imperfeito	Pretérito imperfeito	Pretérito imperfeito
	X	“Estar” no pretérito imperfeito + gerúndio	“Estar” no pretérito imperfeito + gerúndio
Morfologias de PRes	Pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliar “ter”)	Pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliares “ter” e “haver”)	Pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliares “ter” e “haver”)
	Pretérito perfeito	Pretérito perfeito	Pretérito perfeito
	“Acabar” no pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliar “ter”) + preposição “de” + infinitivo	X	X
	X	Pretérito mais-que-perfeito simples	X
Morfologias de PEx	Pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliar “ter”)	Pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliares “ter” e “haver”)	Pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliares “ter” e “haver”)
	X	Pretérito perfeito	Pretérito perfeito
	X	Pretérito mais-que-perfeito simples	X

No próximo capítulo, apresentamos as discussões empreendidas a partir dos resultados obtidos neste estudo.

5 DISCUSSÃO

Tecemos, neste capítulo, discussões a respeito das realizações linguísticas do *perfect* associado ao passado no PB de acordo com os resultados obtidos a partir da análise de *corpus* e dos testes linguísticos de preenchimento de lacunas e de seleção de resposta por múltipla escolha.

De acordo com os resultados obtidos nas três etapas metodológicas, elaborou-se a seguinte síntese sobre morfologias veiculadoras de *perfect* associado ao passado no PB: o PU pode ser veiculado pelas morfologias de pretérito imperfeito e perífrase progressiva formada por “estar” no pretérito imperfeito + gerúndio; o PRes, pelas morfologias de pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliares “ter” e “haver”), pretérito mais-que-perfeito simples, pretérito perfeito e “acabar” no pretérito-mais-que-perfeito composto (com auxiliar “ter”) + preposição “de” + infinitivo; e o PEx, pelas morfologias de pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliares “ter” e “haver”) e pretérito perfeito. A sistematização das morfologias veiculadoras de *perfect* associado ao passado, no PB, pode ser observada no quadro 6 a seguir:

Quadro 6: Síntese das morfologias veiculadoras de PU, PRes e PEx associados ao passado no PB.

Morfologias de PU	Morfologias de PRes	Morfologias de PEx
Pretérito imperfeito	Pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliares “ter” e “haver”)	pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliares “ter” e “haver”)
“Estar” no pretérito imperfeito + gerúndio	Pretérito perfeito	Pretérito perfeito
	Pretérito mais-que-perfeito simples	Pretérito mais-que-perfeito simples
	“Acabar” no pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliar “ter”) + preposição “de” + infinitivo	

Dessa forma, a hipótese (i), de que o PU associado ao tempo passado no PB é realizado morfologicamente apenas por meio do verbo principal conjugado no pretérito imperfeito, foi refutada. Além dessa forma verbal, a perífrase progressiva formada por “estar”

no pretérito imperfeito + gerúndio também foi considerada como veiculadora de PU associado ao passado.

Na mesma direção, as hipóteses (ii) e (iii), de que o PRes e o PEx associados ao passado no PB são realizados morfologicamente apenas pelo pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “ter”, também foram refutadas. Além dessa forma verbal, também foram encontrados o pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “haver” e o pretérito perfeito veiculando PRes e PEx. Além disso, a perífrase “acabar” no pretérito-mais-que-perfeito composto (com auxiliar “ter”) + preposição “de” + infinitivo foi utilizada veiculando unicamente PRes.

A partir deste ponto no texto, discutimos os resultados da realização desses valores aspectuais em cada etapa metodológica a fim de compreender o comportamento das formas verbais e advérbios/expressões adverbiais selecionados para sua expressão. Para tanto, apresentamos, primeiramente, uma discussão sobre os dados de PU, em seguida, de PRes e, por fim, de PEx.

Nos dados de PU encontrados na fala espontânea, foi observada apenas a utilização do pretérito imperfeito. Similarmente, essa foi a morfologia encontrada no estudo de Sant’Anna (2019), também sobre dados de fala espontânea em outro *corpus* da língua portuguesa, o que parece evidenciar que essa forma pode ser uma das preferidas pelos falantes na expressão desse valor.

No teste de preenchimento de lacunas, a morfologia mais utilizada também foi a de pretérito imperfeito, totalizando 211 ocorrências. Porém, além dessa, observamos que a morfologia progressiva de “estar” no pretérito imperfeito + gerúndio, mesmo que encontrada em apenas uma ocorrência, também veicula esse tipo de *perfect*.

No teste de seleção de resposta por múltipla escolha, em que morfologias e advérbios eram apresentados aos participantes, houve seleção de todas as morfologias propostas, pretérito imperfeito, presente simples, futuro do pretérito, “estar” no pretérito imperfeito + gerúndio e pretérito perfeito, combinadas tanto ao advérbio “sempre” quanto ao “ainda”. Porém, como argumentado na seção 4.3 do capítulo anterior, nem todas essas morfologias foram interpretadas como veiculadoras de PU associado ao passado.

O pretérito imperfeito foi a forma mais escolhida tanto em sentenças com o advérbio “sempre” quanto naquelas com “ainda”, o que parece reforçar o argumento apresentado acima de que essa morfologia é a prototípica para a expressão de PU associado ao passado. A perífrase formada por “estar” no pretérito imperfeito + gerúndio também foi selecionada em uma grande quantidade de dados, o que salienta a afirmação de que essa morfologia pode ser

utilizada para expressar PU associado ao passado. No entanto, vale destacar que, quanto ao uso da morfologia de “estar” no pretérito imperfeito + gerúndio, notamos uma diferença na sua seleção a depender dos advérbios disponíveis nas sentenças. Embora associe-se tanto com o “sempre” quanto com o “ainda”, os resultados do teste indicaram maior seleção dessa forma verbal nas sentenças com o advérbio “ainda”, totalizando 57 ocorrências, do que nas sentenças com o advérbio “sempre”, apenas 24 ocorrências.

Já em relação à morfologia de presente simples, incluída no teste, os resultados mostram que sua seleção em sentenças com o advérbio “sempre” ocorreu apenas uma vez. Por outro lado, a seleção dessa forma verbal em sentenças com o advérbio “ainda” ocorreu 38 vezes. Defendemos que a razão para tal diferença esteja na interpretação de que a morfologia de presente simples combinada ao advérbio “ainda” veicula PU associado ao presente. Nesse sentido, acreditamos que os participantes assumem que uma sentença como “Seis anos depois daquela festa, Fábio ainda namora com Ana” configura uma situação que começou no passado e continua no presente. Logo, essa morfologia não pode ser entendida como veiculadora de PU associado ao passado.

A morfologia de futuro do pretérito, por sua vez, apareceu, nesses resultados, em baixíssima quantidade, totalizando cinco escolhas dos participantes. Nesse caso, embora os participantes formulem um contexto de interpretação para a sentença em que se expresse um mundo possível, como em “Seis anos depois daquela festa, Fábio ainda namoraria com Ana”, tal entendimento não se coaduna com o valor aspectual de PU, como visto nos dados apresentados no capítulo de resultados. A seleção dessa morfologia parece ser decorrente de uma tentativa dos falantes em considerar ao máximo a possibilidade de que a sentença seja gramatical, tendo em vista que, em testes como esses, os participantes tendem a ser mais tolerantes (GOMES, 2020). Nesse sentido, por ser um teste *off-line*, os informantes tendem a reler as sentenças, procurando atribuir-lhes significado e, com isso, admitindo sentenças que eles não produziram ou cujo estranhamento seria capturado em um teste *online*.

No que se refere às sentenças com o advérbio “sempre”, os resultados do teste evidenciaram a combinação desse com a morfologia de pretérito perfeito. Em consonância com a análise de Nespoli (2018) sobre a veiculação de PU associado ao presente, nos dados obtidos neste estudo e nas análises empreendidas a partir da aplicação dos outros métodos empregados nesta monografia a partir do *perfect* associado ao passado, argumentamos que o uso do advérbio “sempre” associado à forma de pretérito perfeito também não veicula PU associado ao passado. Acreditamos que a possibilidade de associação entre morfologias perfectivas e esse advérbio e a possibilidade de cancelamento da fronteira à direita abrem

margem para a discussão sobre a validade desse como um advérbio veiculador de PU quando associado a verbos no perfectivo.

Por outro lado, “ainda” mostra sua validade enquanto advérbio que contribui para a veiculação de PU em todos os dados apresentados, inclusive em dados de fala espontânea (SANT’ANNA, 2019). Portanto, parece plausível discutir que esse é o advérbio prototípico para a expressão de PU no PB, tanto para o tempo passado, como visto neste estudo, quanto para o presente, como discutido em Sant’Anna, Martins e Gomes (2019).

Por fim, concluímos que as morfologias veiculadoras de PU associado ao passado, como descrito no quadro 6, são pretérito imperfeito e “estar” no pretérito imperfeito + gerúndio. Ressaltamos, desse modo, que os dados deste trabalho vão na direção do que propõe Nespoli (2018), que, ao analisar o PU associado ao presente, argumenta que esse seja expresso por morfologias imperfectivas. Nessa direção, especulamos que os dados deste estudo e a argumentação de Nespoli (2018) reforçam a proposta de Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003), também assumida por Nespoli (2018), segundo a qual, na veiculação de PU, há a checagem do traço de [-delimitado], que corresponde ao aspecto imperfectivo, no núcleo de AspP

Nos dados de PRes encontrados na fala espontânea, foram observadas as seguintes morfologias: pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliar “ter”), pretérito perfeito e “acabar” no pretérito-mais-que-perfeito composto (com auxiliar “ter”) + preposição “de” + infinitivo.

A morfologia com maior número de ocorrências foi a de pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliar “ter”), já descrita em estudos como os de Nespoli (2018) como veiculadora de *perfect* existencial associado ao passado e também já observada nos dados de fala espontânea coletados por Sant’Anna (2019). Quantitativamente, essa parece ser, na fala espontânea, a forma mais prototípica de realização de PRes associado ao passado no PB.

A morfologia de pretérito perfeito também foi encontrada nos dados. Tal fato corrobora a afirmação de Coan (1997) de que o pretérito mais-que-perfeito composto pode ser substituído pelo pretérito perfeito para a expressão de um tempo passado perfectivo anterior a um ponto de referência passado. Dessa forma, entende-se que ambos veiculam o valor aspectual de *perfect* associado ao passado.

Ressaltamos que a perífrase verbal formada por “acabar” no pretérito-mais-que-perfeito composto (com auxiliar “ter”) + preposição “de” + infinitivo também veicula PRes associado ao passado. Diferentemente das demais, essa não havia sido descrita por nenhum autor no que tange à associação do *perfect* ao tempo passado. No entanto, destacamos que

essa perífrase espelha a realização do PE associado ao presente, uma vez que tal forma, com o verbo “acabar” conjugado no pretérito perfeito, já foi descrita para veicular tal combinação temporo-aspectual no PB (JESUS *et al.*, 2017).

É importante salientar que, ainda que Coan (1997) destaque que o pretérito mais-que-perfeito composto possa ser substituído pelo pretérito perfeito no PB, quando se trata de uma perífrase como a mencionada no parágrafo anterior, observa-se que tal alternância acarretaria uma mudança no valor temporal da sentença. Nesse caso, tal perífrase, quando formada pelo auxiliar no pretérito-mais-que-perfeito composto, como em “João tinha acabado de comprar o bolo”, veicula *perfect* associado ao passado, enquanto, quando formada com auxiliar no pretérito perfeito, como em “João acabou de comprar o bolo”, veicula *perfect* associado ao presente.

No teste de preenchimento de lacunas, foram encontradas as morfologias de pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliares “ter” e “haver”), pretérito mais-que-perfeito simples e pretérito perfeito. A morfologia com maior número de ocorrências foi a de pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliar “ter”), o que reforça o argumento de que essa parece ser a mais prototípica para a veiculação desse tipo de *perfect*.

A segunda morfologia mais utilizada pelos participantes foi a de pretérito perfeito, também observada na fala espontânea, ainda que, em ambos os casos, em uma quantidade bem menor quando comparada à forma de pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliar “ter”). A escolha pelo uso da morfologia de pretérito perfeito para expressão de PRes parece evidenciar uma tendência nas línguas, caracterizada pela substituição de formas complexas por formas simples, como mostram os estudos sobre formas verbais de *perfect* no PB (GOMES; SEMÊDO, 2019; JESUS *et al.*, 2017; COAN, 1997; PESSÔA *et al.*, no prelo) e no inglês (BOWIE; WALLIS; AARTS, 2003).

As morfologias de pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “haver” e pretérito mais-que-perfeito simples aparecem em menor quantidade nos dados. Acreditamos que a utilização dessas morfologias seja decorrente da escolarização dos participantes, que possuíam ensino superior completo ou incompleto, e do fato de o teste desenvolvido coletar respostas de maneira escrita.

No teste de seleção de resposta por múltipla escolha, foram selecionadas as morfologias de pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliares “ter” e “haver”) e pretérito perfeito em sentenças com a expressão adverbial “ainda não” e o advérbio “já”.

A maior quantidade de ocorrências obtidas deu-se com a forma de pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “haver”, tanto em sentenças com a expressão adverbial “ainda

não” quanto com o advérbio “já”, seguida da forma de pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “ter”. Ressaltamos que o elevado número de ocorrências da primeira morfologia pode ser decorrente de contexto de teste, que aponta para uma tentativa do participante de adequar-se à modalidade escrita e de monitorar seu nível de formalidade.

A partir desses dados, é possível ressaltar o papel dos advérbios/expressões adverbiais “ainda não” e “já” na veiculação de PRes associado ao passado. Tendo em vista que ambos possibilitaram uma combinação com as formas verbais consideradas prototípicas para a expressão dessa combinação temporo-aspectual, pode-se destacar que a proposta de Nespoli (2018) sobre o papel desses advérbios/expressões adverbiais na expressão do *perfect* associado ao presente pode ser adequadamente estendida ao entendimento desse aspecto associado ao passado.

A morfologia de pretérito perfeito, observada nos dados de fala espontânea e no teste de preenchimento de lacunas, foi selecionada poucas vezes no teste de seleção de resposta por múltipla escolha, totalizando apenas quatro ocorrências. Além disso, destaca-se que esses poucos dados foram observados apenas nas sentenças com o advérbio “já”, não havendo nenhuma seleção de resposta dessa morfologia naquelas com a expressão adverbial “ainda não”.

Nos dados de PEx, na fala espontânea, foi observada apenas a morfologia de pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliar “ter”), que, como descrito para o PRes, já havia sido descrita em estudos como os de Nespoli (2018) e Sant’Anna (2019). Dessa forma, essa parece ser a forma prototípica para a realização também do PEx associado ao passado na fala espontânea.

No teste de preenchimento de lacunas, foram encontradas as morfologias de pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliares “ter” e “haver”), pretérito mais-que-perfeito simples e pretérito perfeito, sendo a primeira com maior número de ocorrências e, a última, a com segundo maior número. Nesse caso, o teste permitiu a verificação de três morfologias a mais do que foi encontrado na fala espontânea.

No teste de seleção de resposta por múltipla escolha, os resultados obtidos de PEx associado ao passado revelaram a seleção das morfologias de pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliares “ter” e “haver”) e pretérito perfeito em sentenças com os advérbios/expressões adverbiais “ainda não” e “já”. Por outro lado, as morfologias de pretérito imperfeito e presente simples não foram escolhidas em nenhuma situação, conforme esperado.

Nos resultados, é possível observar que o pretérito perfeito foi selecionado em menor quantidade que pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliares “ter” e “haver”). Isso parece salientar novamente que o pretérito mais-que-perfeito composto é a forma prototípica para a expressão do PE no PB, seja resultativo ou experiencial.

No que tange a uma comparação entre as formas de realização do PRes e do PEx associados ao passado nos dados obtidos, ressaltamos alguns tópicos. O primeiro deles diz respeito à morfologia de pretérito perfeito, que é utilizada e selecionada, no teste de seleção de respostas por múltipla escolha, com muito mais frequência na expressão do PEx, havendo apenas pouquíssimas ocorrências dessa morfologia na realização do PRes.

Há formas que são utilizadas para a realização tanto de PRes quanto de PEx, a saber: pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliares “ter” e “haver”), pretérito mais-que-perfeito simples e pretérito perfeito. Porém, a morfologia de “acabar” no pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliar “ter”) + preposição “de” + infinitivo é utilizada apenas para a expressão do PRes. Consideramos que esta morfologia, por fazer emergir a semântica de “produto acabado”, enfatiza, sobretudo, o resultado da situação. Devido a isso, mesmo nos casos em que uma experiência poderia ser expressa, como em “Eu já viajei para a França”, quando o verbo principal é inserido na perífrase, como em “Eu acabei de viajar para a França”, o que parece ser mais saliente é o fato de a França estar visitada, ou seja, o produto gerado por essa situação que está acabada.

Ressaltamos, desse modo, que os dados descritos aqui, também no que concerne ao PE, vão na direção do que propõem Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003) e Nespoli (2018) acerca da expressão morfológica desse aspecto. Segundo essas autoras, o PE é expresso por morfologias perfectivas, como se observou neste trabalho. Especulamos que tal panorama reforça a proposta de Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003), também assumida por Nespoli (2018), a respeito da checagem de traços na veiculação de PE. Segundo as autoras, na veiculação de PE, há a checagem do traço de [+ delimitado], que corresponde ao aspecto perfectivo, no núcleo de AspP.

É possível ainda empreender discussões sobre o *perfect* para além de sua combinação com o passado, como feito até aqui. No que se refere a uma das perífrases entendidas como veiculadoras de *perfect* no PB, aquela formada pelo auxiliar “ter” combinado ao verbo principal no participípio, é possível destacar que o tipo de *perfect* expresso por ela é determinado pelo tempo verbal em que está conjugado o auxiliar.

Segundo Jesus *et al.* (2017) e Nespoli (2018), quando o auxiliar está no presente, como em “João tem estudado inglês”, o valor de *perfect* expresso é PU. Por outro lado, quando o

auxiliar “ter” encontra-se no futuro, conforme destacam Pessôa *et al.* (no prelo), o valor expresso é o de PE. Os dados deste trabalho indicam que, quando o auxiliar encontra-se conjugado no tempo passado, há veiculação também de PE (tanto de PRes quanto de PEx), como observado nos dados de futuro. De todo modo, é importante verificar o processo de avanço histórico dessa perífrase verbal com o auxiliar no passado no PB e em outras línguas românicas para entendermos tal motivação, na mesma direção do empreendimento de Nespoli (2018) ao examinar essa perífrase verbal com o auxiliar no presente em diversas línguas românicas.

As morfologias de pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “haver” e de pretérito mais-que-perfeito simples apareceram apenas nos resultados dos testes. Acreditamos que o uso da primeira morfologia relaciona-se com o fator de diferenciação entre as modalidades escrita e oral. No trabalho de Callou e Avelar (2021), defende-se que o uso do auxiliar “haver” é cada vez mais substituído pelo uso do auxiliar “ter” na fala, motivo pelo qual não encontramos essa morfologia na análise de fala espontânea. O uso da segunda morfologia, por sua vez, sofre interferência do grau de escolarização dos falantes, ou seja, percebemos nos participantes a tentativa de atingir alto grau de formalidade/normatividade em uma situação monitorada como um teste linguístico, tendo em vista que, segundo Gonçalves (1993), essa forma verbal deixou de estar presente na gramática mental de falantes nativos do PB.

Destacamos ainda que a aceitabilidade da morfologia de pretérito mais-que-perfeito com auxiliar “haver” para a veiculação de *perfect* depende do tempo em que o auxiliar é conjugado. Os dados deste trabalho, por exemplo, atestam que essa estrutura pode ser utilizada com auxiliar no passado, como em “Quando eu tentei pedir pra ele não comer a última fatia do meu bolo de aniversário, eu vi que ele já havia comido”. Na mesma direção, os dados de Pessôa *et al.* (no prelo) mostram que o PB também permite o uso da estrutura em questão com o auxiliar no futuro, como em “Quando eu chegar, ele já haverá ficado umas 5 horas sozinho” (PESSÔA *et al.*, no prelo). Por outro lado, sentenças como “*João há comido maçãs” são agramaticais no PB, o que indica que a perífrase “haver” + particípio não pode ser utilizada com auxiliar no presente.

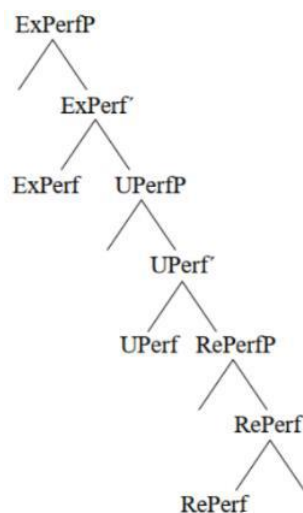
Por fim, observamos que, a partir deste estudo, também é possível fazer contribuições no que se refere à representação sintática do *perfect*. Nesse sentido, vemos que a realização linguística do PU, de um lado, e do PE (tanto do PRes quanto do PEx), de outro, ocorre de maneira sistemática por meio de formas verbais diferentes. De acordo com Nespoli (2018), esse é um dos critérios para a proposição de uma dissociação entre os tipos de *perfect*. Nessa

direção, este trabalho corrobora a proposta de que, minimamente, PU e PE encontram-se dissociados na gramática mental e, portanto, correspondem a dois sintagmas distintos. Esses foram já descritos por Nespoli (2018) como UPerfP, referente ao tipo universal, e EPerfP, referente ao tipo existencial.

Além disso, observamos, neste trabalho, que há uma morfologia que veicula apenas o tipo PRes, sendo ela a perífrase verbal “acabar” no pretérito-mais-que-perfeito composto (com auxiliar “ter”) + preposição “de” + infinitivo, que não está a serviço do PEx. Levando em consideração um dos critérios apresentados por Nespoli (2018) e mencionado no parágrafo anterior, pode-se afirmar que tal fato configura uma evidência para a dissociação entre os tipos resultativo e experiencial.

Conforme já apresentado na fundamentação teórica deste trabalho, tal dissociação já foi proposta em um estudo de aquisição do português como língua materna no que tange ao *perfect* associado ao presente (RODRIGUES; MARTINS, 2019). As autoras postularam a existência de três sintagmas, um para o tipo universal, outro para o resultativo e outro para o experiencial. A hierarquia defendida por elas foi: ExPerfP > UPerfP > RePerfP¹⁴, como observado na figura 4, retomada a seguir como figura 15.

Figura 15: Representação sintática dos sintagmas de *perfect* proposta por Rodrigues e Martins (2019) a partir da hierarquia ExPerfP > UPerfP > EPerfP.



Fonte: Adaptado de Rodrigues e Martins (2019, p. 180).

Os dados observados aqui não fornecem evidências para a discussão acerca da

¹⁴ Lê-se: o sintagma de PEx domina o sintagma de PU, que domina o sintagma de PRes.

hierarquia entre os sintagmas de *perfect*, no entanto, corroboram as afirmações de Rodrigues e Martins (2019) no que diz respeito à dissociação entre PRes e PEx e, conseqüentemente, à sua representação em dois sintagmas distintos na gramática mental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscamos investigar as realizações morfossintáticas de PU, PRes e PEx associados ao tempo passado no PB. Partimos das hipóteses de que (i) o PU associado ao tempo passado no PB é realizado morfologicamente apenas por meio do verbo principal conjugado no pretérito imperfeito; (ii) o PRes associado ao passado no PB é realizado morfologicamente apenas pelo pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “ter”; e (iii) o PEx associado ao passado no PB é realizado morfologicamente apenas pelo pretérito mais-que-perfeito composto com auxiliar “ter”. Para tanto, foi realizada uma análise de dados de fala espontânea e foram aplicados dois testes linguísticos.

No que se refere aos resultados das etapas metodológicas deste estudo, para a expressão de PU associado ao passado no PB, foram encontradas a morfologia de pretérito imperfeito e a perífrase “estar” no pretérito imperfeito + gerúndio; para PRes, as morfologias de pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliares “ter” e “haver”), pretérito mais-que-perfeito simples, pretérito perfeito e “acabar” no pretérito-mais-que-perfeito composto (com auxiliar “ter”) + preposição “de” + infinitivo; e, para PEx, as morfologias de pretérito mais-que-perfeito composto (com auxiliares “ter” e “haver”) e pretérito perfeito. No que tange aos advérbios e expressões adverbiais, observamos “ainda”, “sempre” e “há X tempo” contribuindo para a veiculação de PU e “já”, “ainda não” e “nunca” contribuindo para a veiculação de PE, tanto resultativo quanto experiencial.

Levando em consideração que foram encontradas outras morfologias para além das esperadas, as três hipóteses foram refutadas. Observamos que os dados de *perfect* associado ao passado obtidos neste estudo também corroboram a proposta de Iatridou, Anagnostopoulou & Izvorski (2003) e Nespoli (2018), segundo a qual o PU é realizado por morfologias imperfectivas, enquanto o PE (tanto o PRes quanto o PEx), por morfologias perfectivas. A partir da quantidade de ocorrências das morfologias verificadas nas etapas metodológicas, argumentamos que a morfologia prototípica para a veiculação de PU associado ao passado é a de pretérito imperfeito e, para a veiculação de PE, tanto resultativo quanto experiencial, é a de pretérito mais-que-perfeito composto, tanto com auxiliar “ter” quanto com “haver”.

Além disso, defendemos que os resultados obtidos neste trabalho também contribuem para a discussão a respeito da representação sintática do *perfect* na camada flexional da árvore sintática. Tendo em vista que observamos um panorama distinto nas realizações dos tipos de *perfect*, argumentamos que há evidências a favor da proposta de Rodrigues e Martins (2019),

que postulam a existência de um sintagma para o tipo universal, o UPerfP, outro para o resultativo, o RePerfP, e outro para o experiencial, o ExPerfP.

Como passos futuros, pretendemos ampliar esta pesquisa para a investigação das realizações linguísticas do *perfect* associado ao passado em outras línguas românicas, como o francês e o espanhol, a fim de buscar mais evidências que possam contribuir para o maior entendimento da representação sintática dos tipos de *perfect*, bem como da hierarquia dos sintagmas que projetam.

REFERÊNCIAS

- ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. Introduction: the modules of perfect constructions. In: ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. (Org.). **Perfect Explorations**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 5-38.
- BASSO, R. **Telicidade e detelicização: semântica e pragmática do domínio tempo-aspectual**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 2007.
- BERTINETTO, P. On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: the perfective-telic confusion. In: CECCHETTO, C.; CHIERCHIA, G.; GAUSTI, M. (Org.). **Semantic interfaces: reference, anaphora and aspect**. Stanford: CSLI, 2001. p. 177-210.
- BOK-BENNEMA, R. Evidence for an aspectual functional head in French and Spanish. In: OOSTENDORP, M.; ANAGNOSTOPOULOU, E. (Org.). **Progress in grammar, articles on the 20th anniversary of the comparison of grammatical models group in Tilburg**. Amsterdam: Roquade, 2001.
- BOWIE, J; WALLIS, S; AARTS, B. The perfect in spoken British English. In: AARTS, B.; CLOSE, J.; LEECH, G.; WALLIS, S. (Org.). **The verb phrase in English: investigating recent language change with corpora**. Cambridge: **Cambridge University Press**, 2013. p. 318-352. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9781139060998>
- BRUGGER, G. Event time properties. **University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics**, v. 4, n. 2, p. 51-63, 1998. Disponível em: <https://repository.upenn.edu/pwpl/vol4/iss2/4/>. Acesso em: 21 de abril de 2020.
- CALLOU, D.; AVELAR, J. Sobre ter e haver em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. **Gragoatá**, v. 5, n. 9, p. 85-100, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/49038>. Acesso em: 15 de junho de 2020).
- CHAUDRON, C. Data Collection in SLA Research. In: DOUGHTY, C. J; LONG, M. H. (Org.). **The Handbook of Second Language Acquisition**, Malden, MA: Blackwell Publishing, p. 571-618, 2003.
- CHOMSKY, N. Remarks on Nominalizations. In: JACOBS, R. A.; ROSENBAUM, P. S. (Eds.). **Readings in English transformational grammar**. Waltham, Mass.: Ginn & Co, 1970. p.184-221.
- CHOMSKY, N. **Barriers**. Cambridge, MA: MIT Press, 1986.
- CHOMSKY, N.; KEYSER, S. **Language and problems of knowledge: The Managua lectures**. MIT press, 1988.
- CINQUE, G. **Adverbs and Functional Heads: A Cross-linguistic Perspective**. New York, Oxford University Press, 1999.
- CINQUE, G. **Restructuring and Functional Heads: The Cartography of Syntactic Structures**, New York: Oxford University Press, 2006.

CINQUE, G. Cognition, universal grammar, and typological generalizations. **Lingua**, v. 130, p. 50-65, 2013.

COAN, M. **Anterioridade a um ponto de referência passado**: pretérito (mais-que-) perfeito. 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

COAN, M.; FEITAG, R.; PONTES, V. Aspecto Inerente: análise sociofuncional de formas verbais imperfectivas de passado em espanhol. **SIGNUM: Estud. Ling.**, v.2, n. 16, p. 39-65, 2013.

COMRIE, B. **Aspect**: an introduction to the study of verbal aspect and related problems. New York: Cambridge University Press, 1976.

COMRIE, B. **Tense**. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1985.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DE MIGUEL, E. El aspecto léxico. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (Org.). **Gramática Descriptiva de la lengua Española**. Madrid: Espasa Calpe, 1999. p. 2977-3060.

EMONDS, J. **A transformation approach to syntax**. New York: Academic Press, 1976.

FERREIRA FILHO, V. Interação entre aspecto gramatical e semântico: uma análise dos subtipos de perfect. In: 10ª SEMANA DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA DA UFRJ. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2019.

FERREIRA FILHO, V. Relação entre tipos de verbo e o aspecto perfect de resultado no português do Brasil. In: 9ª SEMANA DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA DA UFRJ. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2018.

FODOR, J. A. **The modularity of mind**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1983.

FREITAG, R. Aspecto inerente e passado imperfectivo no português: atuação dos princípios da persistência e da marcação. **Alfa**, v. 2, n. 55, p. 477-500, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1981-57942011000200006>.

GIORGI, A.; PIANESI, F. **Tense and Aspect**: from Semantics to Morphosyntax. New York: Oxford University Press, 1997.

GOMES, J. Aquisição do aspecto perfect por falantes nativos de espanhol da Argentina aprendizes de português como L2. **Entrepalavras**, v. 9, n. 2, p. 354-377, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-21491>.

GOMES, J. **O comprometimento do aspecto perfect na doença de Alzheimer**. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2020.

GOMES, J; SEMÊDO, J. Realizações do aspecto perfect universal na fala de indivíduos letrados cariocas, segundo a faixa etária. In: ORSINI, M. (Org.). **Práticas de pesquisa em Língua Portuguesa**. 1a ed. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas / UFRJ. p. 137-164, 2019.

GONÇALVES, C. Falara-se mais-que-perfeito: estudo presente do tempo pretérito. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 37, p. 135-142, 1993. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3940>. Acesso em: 20 de abril de 2020.

HORNSTEIN, N. **As time goes by: tense and universal grammar**. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

IATRIDOU, S.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; IZVORSKI, R. Observations about the form and meaning of the perfect. In: ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. (Org.). **Perfect Explorations**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 153-205.

ILARI, R. Notas sobre o passado composto em português. **Revista Letras**, Curitiba, n. 55, p. 129-152, 2001.

JESUS, J. **As realizações morfossintáticas do perfect universal no português do Brasil**. 2017. Monografia (Graduação em Letras). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

JESUS, J. O aspecto perfect no inglês dos Estados Unidos (IEU) e no português do Brasil (PB): uma análise do perfect do tipo universal. In: 7a SEMANA DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA DA UFRJ. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

JESUS, J.; MATOS, A.; MARTINS, A.; NESPOLI, J. O aspecto perfect no português do Brasil. **Travessias Interativas**, v. 7, n. 14, p. 1-18, 2017. DOI: <https://doi.org/10.51951/ti.v7i14>.

KIPARSKY, P. Event structure and the perfect. In: BEAVER, D.; MARTINEZ, L. C.; CLARK, B.; KAUFMANN, S. (Org.). **The construction of meaning**. Stanford: CSLI Publications, 2002. p. 113-135.

KLEIN, W. The Present Perfect Puzzle. **Language**, v. 68, n. 3, p. 525-552, 1992. DOI: <https://doi.org/10.2307/415793>.

LENNEBERG, E. The biological foundations of language. **Hospital Practice**, v. 2, n. 12, p. 59-67, 1967. DOI: <https://doi.org/10.1080/21548331.1967.11707799>.

LOPES, T. **A realização morfológica do aspecto perfect no português do Brasil e no inglês da Inglaterra** – uma análise comparativa. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFRJ. Rio de Janeiro, 2016.

MACHADO, F.; MARTINS, A. O Perfect Existencial e suas realizações morfológicas e adverbiais no inglês americano. **Ilha do Desterro**, Santa Catarina, v. 73, n. 3, p. 37-62, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8026.2020v73n3p37>.

MATOS, A. **O aspecto perfect no português do Brasil**: uma análise do tipo existencial. 2017. Monografia (Graduação em Letras). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MARTINS, K. A variação entre o pretérito mais-que-perfeito simples e composto em textos jornalísticos. **Revista Diadorim**, v. 8, n. 1, 2011. DOI: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2011.v8n1a7975>.

MARTINS, A; RODRIGUES, N; ABREU, G. Perfect universal no português do Brasil: restrições sintático-semânticas para o uso de morfologias verbais. **Confluência**, n. 61, p. 157-184, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.18364/rc.2021n61.457>.

MCCAWLEY, J. D. Notes on the English Present Perfect. **Australian Journal of Linguistics**, v. 1. p. 81-90, 1981. DOI: <https://doi.org/10.1080/07268608108599267>.

MCCOARD, R. **The English Perfect**: Tense Choice and Pragmatic Inferences. Amsterdam: North-Holland Press, 1978.

MOLSING, K. Universal and existential perfects in Brazilian Portuguese. **Revista Letras**, n. 73, p. 131-150, 2007. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v73i0.7550>.

MOLSING, K. Reflexões teóricas sobre o passado composto. **Revista Letras**, n. 81, p. 177-191, 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v81i0.17297>.

NESPOLI, J. **Representação mental do perfect e suas realizações nas línguas românicas**: um estudo comparativo. 2018. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

NOVAES, C.; NESPOLI, J. O traço aspectual de perfect e as suas realizações. **Revista FSA**, v. 11, n. 1, p. 255-279, 2014. Disponível em: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/356/0>. Acesso em: 15 de abril de 2020.

PANCHEVA, R. The aspectual makeup of Perfect participles and the interpretations of the Perfect. In: ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. (Org.). **Perfect Explorations**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 277-308.

PESSÔA, L; MEDEIROS, B; MARTINS, A; GOMES, J. As realizações morfológicas de perfect associado ao futuro no português do Brasil. **No prelo**.

POLLOCK, J. Verb movement, universal grammar and the structure of IP. **Linguistic Inquiry**, v. 20, p. 365-424, 1989. Disponível em: <https://babel.ucsc.edu/~hank/pollock.pdf>. Acesso em: 24 de maio de 2020.

RITZ, M. Perfect Tense and Aspect. In: BINNICK, R. (Org.). **The Oxford Handbook of Tense and Aspect**. New York: Oxford University Press, 2012. p. 881-907.

RODRIGUES, N.; MARTINS, A. Evidências advindas da aquisição do português do Brasil para os tipos de perfect. **Revista Linguística**, v. 15, n. 3, p. 161-184, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.31513/linguistica.2019.v15n3a28438>.

SALABERRY, M. The development of aspectual distinctions in L2 French classroom learning. **Canadian Modern Language Review**, v. 54, n. 4, p. 508-542, 1998. DOI: <https://doi.org/10.3138/cmlr.54.4.508>.

SALABERRY, M.; LÓPEZ-ORTEGA, N. Accurate L2 production across language tasks: focus on form, focus on meaning, and communicative control. **Modern Language Journal**, v. 82, n. 4, p. 514-532, 1998. DOI: <https://doi.org/10.2307/330222>.

SANT'ANNA, A. Realizações morfológicas do *perfect* associado ao passado no português do Brasil. **Anais do III D-Ling**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2019.

SANT'ANNA, A. Perfect Existencial: leituras a partir do ordenamento de verbos em relação ao advérbio “já” no português do Brasil (PB). In: 11a SEMANA DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA DA UFRJ. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2020.

SANT'ANNA, A.; MARTINS, A.; GOMES, J. A representação sintática do aspecto perfect: uma análise a partir de advérbios do português brasileiro. **Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem**, v. 5, n. 1, p. 84-95, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cs/article/view/30406>. Acesso em: 05 de agosto de 2020.

SANZ, M.; LAKA, I. Oraciones transitivas con se: el modo de acción en la sintaxis. In: LOPEZ, C. (Org.). **Las construcciones con se**. Madrid: Visor Libros, 2002. p. 309-336.

SIGURÐSSON, H. A. Meaningful silence, meaningless sounds. **Linguistic variation yearbook**, v. 4, p. 235-259, 2004. Disponível em: <https://portal.research.lu.se/portal/files/5203185/8500119.pdf>. Acesso em: 10 de setembro de 2020.

SMITH, C. **The Parameter of Aspect**. 2 ed. Dordrecht: Kluwer, 1997.

TESCARI NETO, A. Advérbios e o movimento do verbo. **Fórum Linguístico**, v. 16, n. 1, p. 3563-3578, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2019v16n1p3563>.

TRAVAGLIA, L. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão verbal**. 5 ed. Uberlândia: EDUFU, 2014.

VENDLER, Z. Verbs and times. In: VENDLER, Z. (Org.). **Linguistics in Philosophy**. Ithaca: Cornell University Press, p. 97-121, 1967.

APÊNDICE A – Teste de preenchimento de lacunas

Diálogo 1:

Contextualização: Joana conta um sonho que teve para sua irmã Bruna.

Joana: Bruna, tu não _____ (1. ACREDITAR) no sonho que eu tive essa noite!

Bruna: Ihhh, já vi que foi mais um desses sonhos loucos que você tem.

Joana: Cara, eu chegava em casa e tinha um dinossauro abrindo a geladeira! Quando eu tentei pedir pra ele não comer a última fatia do meu bolo de aniversário, eu vi que ele já _____ (2. COMER).

Bruna: Claro, a melhor reação ao ver um dinossauro na cozinha é tentar salvar o bolo.

Joana: A melhor parte é que depois disso uma bailarina do Faustão chegava na cozinha pedindo pra gente preparar logo o show dela, porque de 2008 até 2019 ela ainda _____ (3. DANÇAR) sozinha, mas neste ano de 2020 ela decidiu dançar com convidados.

Bruna: Ah, então você e o dinossauro eram os convidados do show dela? E como foi o show?

Joana: Sim! O incrível é que depois que a gente _____ (4. ENTRAR) no palco, eles começaram a cantar parabéns pra mim!

Bruna: Joana, você se _____ (5. SUPERAR) a cada sonho que tem! E aí acabou?

Joana: O sonho acabou bem nesse momento porque meu pai entrou no quarto e acendeu a luz bem na minha cara e acabei acordando. Poxa, eu nem _____ (6. CONSEGUIR) terminar meu show com a bailarina!

Diálogo 2:

Contextualização: As irmãs Anna e Elsa jogam tarô para saber sobre suas vidas passadas.

Tarólogo: Bom dia!

Anna: Bom dia! A gente _____ (1. QUERER) conhecer mais sobre as nossas vidas passadas.

Tarólogo: Olha, as cartas estão me dizendo que a primeira vez que vocês se _____ (2. ENCONTRAR) foi num baile real e vocês se gostaram logo de cara.

Elsa: Sério?! E a gente _____ (3. VIRAR) amiga?

Tarólogo: Bastante! O que vocês mais faziam era passear e conversar sobre viagens. Vejo aqui que, em uma das conversas, quando a Elsa contou que foi pra Alemanha, você disse que já _____ (4. VIAJAR) pra lá.

Anna: Nossa, que lindo. Então a gente se encontrava muito, né?

Tarólogo: Sim. A amizade de vocês foi bem forte. Desde a festa até vinte anos depois, vocês ainda _____ (5. ESCREVER) cartas uma pra outra.

Anna: Nossa, me dá até saudade de uma coisa que eu nem vivi!

Elsa: Eu também! Mas _____ (6. ADORAR) saber que a gente era bem unida na nossa vida passada! Obrigada, senhor!

Diálogo 3:

Contextualização: Três amigos conversam sobre livros e signos.

Bruno: Gente, eu _____ (1. LER) pela primeira vez na vida uma biografia e tá sendo muito bom. É da Dona Leopoldina, aquela que casou com o Dom Pedro I.

Larissa: Sério? E tem babados sobre a família real?

Gabi: Menina, tu não sabia que, quando a Dona Leopoldina chegou no Brasil, o Dom Pedro já _____ (2. ENGRAVIDAR) várias mulheres?!

Bruno: É, verdade. Tadinha, ela sofreu muito. E assim, é muito legal que o livro vai dando um contexto histórico de desde antes de ela nascer, cara.

Larissa: Ai, gente, eu não aguentaria viver longe da minha família e ainda aguentar uma pessoa me traindo direto.

Bruno: Pois é, herança dos casamentos arranjados, né! Mas ela aguentou bastante ele, porque, desde o início até o fim do casamento, ele ainda _____ (3. TRAIR) ela.

Gabi: Mas fala uma curiosidade dela.

Bruno: Ah, tem uma legal: ela era aquariana.

Gabi: Nossa, amei, aquário é o melhor signo e a princesa Leopoldina pode provar.

Larissa: Gente, se começar o papo de signos eu _____ (4. PUXAR) meu mapa astral todinho pra provar que virgem que é o melhor.

Bruno: E, como o signo do D. Pedro era libra, eles claramente não se davam bem.

Gabi: Pronto, agora é só cruzar o mapa astral dos dois que a gente _____ (5. VER) na prática o temperamento deles.

Larissa: Socorro, o papo saiu de História do Brasil e _____ (6. CHEGAR) em signo!

Diálogo 4:

Contextualização: Manu e Rafa conversam sobre infância.

Rafa: Cara, eu lembro até hoje do primeiro dia que eu andei de bicicleta! Foi meu pai quem me _____ (1. ENSINAR).

Manu: Nossa, acredita que até hoje eu não aprendi a andar de bicicleta?!

Rafa: Jura? É bem fácil depois que você pega a prática. Eu lembro que eu comecei a andar com 12 anos. Dessa idade até meus 14 anos eu ainda _____ (2. ANDAR) com rodinhas.

Manu: Caramba, você demorou muito, menina.

Rafa: Muito! Eu caía toda hora e aí fui ficando com medo de tirar. Teve um dia que eu caí tão feio que cheguei a _____ (3. CORTAR) o queixo.

Manu: Gente, que horror! Agora sim eu tô super animada pra aprender.

Rafa: Foi chato, mas depois que você _____ (4. APRENDER) é uma delícia! Nesse dia do tombo, meu pai me deu um pote enorme de açaí pra eu me _____ (5. SENTIR) bem de novo.

Manu: Ai, amei, vamos tomar um açaí agora? Chama sua irmã pra ir com a gente.

Rafa: Antes de eu vir pra cá hoje, ela já _____ (6. SAIR) pro trabalho. Vamos só nós duas mesmo, não resisto a um açaí!

APÊNDICE B – Teste de seleção de resposta por múltipla escolha

Contexto 1: Carminha tomava remédio para pressão alta. Nesse período, mais especificamente em 2005, ela teve uma filha chamada Nina, e só em 2010 ela interrompeu a medicação.

Quando Nina nasceu, Carminha sempre _____ (TOMAR) remédio para pressão alta.

- tomava
- tomou
- estava tomando
- tomaria
- toma

Antigamente, Carminha _____ (COMPRAR) medicamentos para pressão alta.

- comprou
- tem comprado
- estava comprando
- comprava
- compra

Quando a Nina nasceu, Carminha já _____ (SER) internada com pressão alta uma vez.

- será
- tinha sido
- era
- foi
- havia sido

Agora, Carminha não _____ (PRECISAR) mais de remédio para pressão alta.

- precisou
- precisa
- está precisando
- precisaria
- precisava

Ano que vem, Carminha _____ (LEVAR) Nina para fazer exames.

- está levando
- leva
- vai levar
- levará
- levou

Ontem, Carminha _____ (SE MEDICAR) por engano.

- se medicou
- está se medicando
- vai se medicar
- se medica
- tem se medicado

Contexto 2: Pedro tem um pequeno jardim em casa. Ele começou com a plantação de girassóis no final de 2018, e as flores só começaram a surgir no início de 2019. Em 2020, ele decidiu colocar uma horta ao lado do jardim de girassóis e plantou acerolas. Para sua surpresa, as frutas brotaram logo na primeira semana após o plantio.

Antes, Pedro só _____ (CUIDAR) de girassóis.

- cuida
- estava cuidando
- cuidou
- tem cuidado
- cuidava

Amanhã, um jardineiro _____ (PODAR) o jardim de Pedro.

- está podando
- vai podar
- podará
- podou
- poda

Quando a segunda leva de acerolas cresceu, Pedro já _____ (COMER) a primeira.

- comeu
- come
- havia comido
- comia
- tinha comido

Ontem, Pedro _____ (ESQUECER) de regar as plantas.

- vai esquecer
- esqueceu
- está esquecendo
- tem esquecido
- esquece

Agora, Pedro _____ (PLANTAR) flores e frutas na sua casa.

- planta
- plantaria
- está plantando
- plantava
- plantou

Quando Pedro montou a horta, ele sempre _____ (SEMEAR) girassóis.

- semeava
- estava semeando
- semeia
- semeou
- semearia

Contexto 3: Em 2013, Fábio organizou uma festa. Lá, ele conheceu Ana, sua atual namorada, e, há um ano, eles marcaram o casamento para 2021.

Ano passado, Fábio _____ (FICAR) noivo da menina que conheceu na festa de 2013.

- ficou
- tem ficado
- vai ficar
- está ficando
- fica

Antigamente, Fábio _____ (ORGANIZAR) muitas festas.

- organizou
- organizava
- estava organizando
- tem organizado
- organiza

Seis anos depois daquela festa, Fábio ainda _____ (NAMORAR) com Ana.

- namora
- namoraria
- estava namorando
- namorou
- namorava

Amanhã, Fábio e Ana _____ (FESTEJAR) o noivado.

- vão festejar
- estão festejando
- festejam
- festejaram
- festejarão

Quando Fábio olhou o cardápio do casamento semana passada, ele viu que ainda não _____ (PROVAR) a maior parte dos doces.

- prova
- provou
- tinha provado
- havia provado
- provava

Atualmente, Fábio e sua noiva _____ (PLANEJAR) os detalhes do casamento.

- estão planejando
- planejariam
- planejaram
- planejam
- planejavam

Contexto 4: O passinho do romano começou a fazer sucesso no Brasil em 2014. Cinco anos depois, o brega funk conquistou os brasileiros e, em 2021, os cantores devem lançar um passinho para esse novo estilo.

Quando o passinho do romano surgiu no Brasil, a indústria musical ainda não _____ (CRIAR) o estilo brega funk.

- havia criado

- tinha criado
- criava
- criou
- cria

Ano que vem, os cantores de funk _____ (DESENVOLVER) um novo passinho.

- desenvolvem
- estão desenvolvendo
- desenvolverão
- vão desenvolver
- desenvolveram

Antes, os brasileiros _____ (AMAR) o passinho do romano.

- têm amado
- amaram
- amavam
- amam
- estavam amando

Quando o brega funk surgiu, o passinho do romano ainda _____ (FAZER) sucesso no Brasil.

- faz
- faria
- estava fazendo
- fez
- fazia

Ano passado, os compositores _____ (ESCREVER) um novo hit musical de funk.

- escreveram
- vão escrever
- tem escrito
- estão escrevendo
- escrevem

Atualmente, todo mundo _____ (ESCUTAR) brega funk no Brasil.

- está escutando
- escutava
- escutaria
- escutou
- escuta

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pergunta *

- Por meio desta, declaro, para os devidos fins, que conheço as condições e regras da tarefa, minha participação voluntária e meus direitos com relação à interrupção da tarefa a qualquer momento.

APÊNDICE D – Questionário pessoal

Questionário pessoal

Em que cidade você nasceu? *

Sua resposta _____

Onde você vive atualmente? Há quanto tempo você vive nesse lugar? *

Sua resposta _____

Quantos anos você tem? *

Sua resposta _____

Qual é o seu gênero? *

Feminino

Masculino

Não desejo informar o gênero

Outro: _____

Qual é a sua profissão? *

Sua resposta

Qual é seu grau de escolaridade? Se você fez ou está fazendo curso superior, indique a área. *

Sua resposta
